

# Ministério

Uma revista para pastores e obreiros

Janeiro-Fevereiro de 2001

**Teologia  
ao alcance  
de todo crente**



# Conhecimento indispensável

Segundo o próprio Cristo, “ninguém conhece o Pai, senão o Filho e aquele a quem o Filho o quiser revelar” (Luc. 10:22). O evangelho de João mostra a incapacidade da mente humana perante o grande mistério que é Deus; e Paulo nos ensina que Deus só pode ser conhecido à medida que o Espírito Santo atua no coração que O busca, num gesto de auto-revelação.

O desejo de saber aquilo que não se pode saber, compreender o Incompreensível, tocar e provar o Inatingível, é comum ao ser humano e, pode-se dizer, deu origem à Teologia. A alma humana sente suas origens e almeja voltar à sua Fonte. Embora os eruditos da Bíblia aparentemente tenham se apropriado desse conhecimento, ele pode e deve estar acessível a todo crente, por meio de nosso Senhor Jesus Cristo. Em Jesus, Deus Se revela à fé e ao amor. Veio até nós pela encarnação; na expiação, reconciliou-nos consigo mesmo; e, através da fé e do amor, temos acesso a Ele. Essa teologia é disponibilizada a todo o que crê.

Como escreveu Richard Rolle, em seu livro *Aperfeiçoamento da Vida*, “verdadeiramente Deus é de infinita grandeza, mais do que podemos imaginar... Mas mesmo aqui e agora, sempre que o coração busca a Deus, ele é capacitado a receber a luz incriada e, inspirado e cheio dos dons do Espírito Santo, experimenta as alegrias do Céu”.

Nesta primeira edição do milênio, *Ministério* aborda esse assunto em artigo do Dr. Juan Millanao, que responde a muitas perguntas relacionadas à Teologia, sua evolução na Igreja cristã, sua importância e aplicação prática na Igreja Adventista.

Adicionadas a esse tema profundo e palpitante, a revista traz outras matérias oportunas para o crescimento pessoal, familiar, espiritual e profissional do pastor. Está sendo reaberta a seção de cartas, cujo objetivo é a interação com os leitores. O diálogo proposto deve também caracterizar-se por uma troca saudável e enriquecedora de idéias e comentários adicionais ao material publicado.

A partir desta edição, você encontra *Ministério* na internet, através dos seguintes endereços: [www.dsa.org.br/ministerio](http://www.dsa.org.br/ministerio) (português) e [www.dsa.org.br/el-ministerio](http://www.dsa.org.br/el-ministerio) (castelhano).

Lembre-se, leitor: o tempo passa, mas o compromisso de promover o seu crescimento permanece inalterado. Na busca desse objetivo, não haverá economia de esforços.

Zinaldo A. Santos

## Ministério

Uma Publicação da Igreja Adventista do Sétimo Dia

Ano 72 – Número 01 – Jan./Fev. 2001  
Periódico Bimestral

**Editor:** Zinaldo A. Santos  
**Revisoras:** Ildete Silva e Mercedes Campos  
**Editor de Arte:** Wilson Almeida  
**Programador Visual:** Jobson Santos

**Colaboradores Especiais:**  
Alejandro Bullón; Jonas Arrais

**Colaboradores:**  
Helder Roger C. Silva; Ivanaudo B. Oliveira;  
José S. Ferreira; Mário Valente; Montano Barros Neto

**Capa:** Erlo Köhler

**Diretor Geral:** José Carlos de Lima  
**Diretor Financeiro:** Ednor Max Gruber  
**Redator-Chefe:** Rubens S. Lessa

Visite o nosso site:  
<http://www.cpb.com.br>  
Serviço de Atendimento Direto:  
[saa@cpb.com.br](mailto:saa@cpb.com.br)  
Redação: [redacao@cpb.com.br](mailto:redacao@cpb.com.br)  
Ministério na Internet:  
[www.dsa.org.br/ministerio](http://www.dsa.org.br/ministerio)  
[www.dsa.org.br/elministerio](http://www.dsa.org.br/elministerio)

Tiragem: 4.300 exemplares  
5499/7939

Todo artigo, ou correspondência, para a revista *Ministério* deve ser enviado para o seguinte endereço:  
Caixa Postal 12-2600; CEP 70279-970, Brasília, DF



**CASA PUBLICADORA BRASILEIRA**  
**CERTIFICADA PELA ISO 9002**

Editora dos adventistas do Sétimo Dia  
Rodovia SP 127 – km 106 – Caixa Postal 34,  
18270-970 Tatuí, SP



Todos os direitos reservados. Proibida a reprodução total ou parcial, incluídos textos, imagens e desenhos, por qualquer meio, quer por sistemas gráficos, reprográficos, fotográficos, etc., assim como a memorização e/ou recuperação parcial, ou inclusão deste trabalho em qualquer sistema ou arquivo de processamento de dados, sem *prévia autorização escrita* do autor e da editora, sujeitando o infrator às penas da lei disciplinadora da espécie.

## A R T I G O S

## C A R T A S

### Fonte de idéias

*Está ótima a revista Ministério. Tenho reproduzido algumas matérias e distribuído entre os anciãos de minhas igrejas. Na verdade, até os editoriais são uma fonte de boas idéias para sermões.*

**Pastor Elizeu Lira**, Vitória, ES

### Advertência oportuna

*Tenho apreciado muito os artigos de Ministério. Eles nos alimentam, instruem, e nos advertem para que mantenhamos bem vivo o sentido da missão do nosso pastorado. Precisamos dessa advertência, no emaranhado de atividades em que nos envolvemos.*

**Pastor Jorge Anacleto**, Hortolândia, SP

### Correção

*No artigo "A igreja saudável" (setembro/outubro de 2000), de minha autoria, onde se lê Russel Burrill (pág. 20), leia-se Russell Burrill; onde se lê Testament (nota 16), leia-se Testament; onde se lê Diffucion (nota 24), leia-se Diffusion; onde se lê Recovering na (nota 30), leia-se Recovering na; e onde se lê Hunter II (nota 32), leia-se Hunter III.*

**Pastor Marcos De Benedicto**

### Nota dez

*Quero cumprimentá-los pelo excelente conteúdo da revista Ministério. Merece nota 10.*

**Pastor Vítor de Pádua**, Franca, SP

**9 UMA GUERRA CRUEL** • Um dramático depoimento sobre a luta e vitória contra a impureza moral.

**12 A PREGAÇÃO DOS APÓSTOLOS** • Lições aos pregadores modernos, tiradas dos sermões apostólicos.

**15 CADA CRENTE UM TEÓLOGO** • Profundo estudo da teologia e sua importância para a Igreja nos dias atuais.

**20 O PARADOXO DA AUTORIDADE** • Significado bíblico e características da hierarquia na Igreja.

**23 "ESCOLHI ESSE HOMEM"** • O exemplo de Paulo transmitido aos pastores do novo milênio.

**27 O ANCIÃO ATRAVÉS DOS TEMPOS** • Um estudo sobre as origens do trabalho do ancião.

## S E Ç Õ E S

**3** EDITORIAL

**4** ENTREVISTA

**7** AFAM

**8** PONTO DE VISTA

**19** IDÉIAS

**28** NOTÍCIAS

**30** DE CORAÇÃO A CORAÇÃO

**31** LIVROS



*“Nunca desista de ninguém.  
Milagres acontecem  
todos os dias.”*

H. Jackson

# Integração missionária

ZINALDO A. SANTOS

A cada três minutos, uma pessoa é batizada na Igreja Adventista, no território da Divisão Sul-Americana, onde uma igreja de 100 membros é organizada a cada cinco horas. É, de fato, um crescimento significativo. Atualmente, a DSA tem quase dois milhões de membros, nove Uniões e mais de 14 mil templos. “Durante os últimos anos, Deus operou coisas maravilhosas na América do Sul, apesar dos problemas socioeconômicos que os países do nosso território enfrentam”, diz o Pastor Ruy H. Nagel, presidente eleito para mais cinco anos.

Nascido em Porto Alegre, RS, há 61 anos, o Pastor Nagel formou-se em Teologia, no Instituto Adventista de Ensino, em 1962. No ano seguinte, iniciou suas atividades ministeriais como pastor distrital em Porto Alegre. Dois anos depois, serviu como diretor de departamento no Campo gaúcho, de onde foi para a Missão Brasil Central, como tesoureiro.

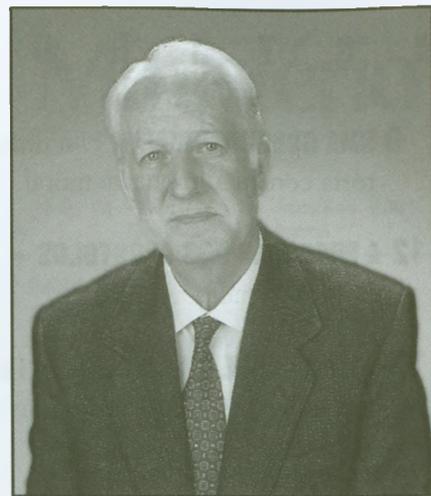
Posteriormente ocupou a mesma função no Hospital Adventista de São Paulo e União Norte-Brasileira (acumulando a diretoria administrativa do Hospital Adventista de Belém). Foi também diretor administrativo do Hospital Silvestre, no Rio de Janeiro.

O Pastor Ruy Nagel é casado com Evelyn Nagel, recentemente nomea-

da coordenadora da Área Feminina da Associação Ministerial, Afam, e diretora do Ministério da Mulher para a Divisão Sul-Americana. Nesta entrevista, ele fala de evangelismo integrado, de suas metas e expectativas para a Igreja.

**Ministério:** *Que significado tem para o senhor a indicação para liderar a Divisão Sul-Americana por mais um período administrativo?*

**Pastor Ruy Nagel:** Acima de qualquer coisa, significa uma responsabilidade muito grande. A responsabilidade de representar e liderar a Igreja, de acompanhar e administrar o seu crescimento, corresponder às suas expectativas. Somos uma Igreja composta por mais de um milhão e oitocentos mil membros. E isso envolve uma série de problemas e dificuldades, em virtude do momento solene que atravessamos, de muita controvérsia e contestação. Tudo isso tem o seu reflexo na administração da Divisão Sul-Americana. Quem assume essa responsabilidade deve estar ciente de que seu envolvimento com a Igreja será de 24 horas diárias, representando-a em todas as circunstâncias ou situações. Muitas vezes, terá de buscar respostas para questões difíceis. Por outro lado, também é uma alegria poder estar trabalhando com a Igreja, vivendo e acompanhando os seus interesses. A maior recompensa é ver pessoas sendo acrescentadas ao redil do Senhor.



**Ministério:** *Como o senhor avalia o período anterior?*

**Pastor Nagel:** Foi um período interessante. Iniciamos o ano de 1995 com certa expectativa, adotando uma programação em cujo decorrer vimos a Igreja crescendo em sua estrutura. Dois anos depois, mudamos um pouco o envolvimento no que tange à participação dos membros no evangelismo. Evidentemente, essa modificação começou a mostrar resultados positivos, traduzidos em um maior crescimento, a partir de 1997. Louvamos a Deus por isso. Nossa expectativa é que, ao iniciarmos o ano 2001 tenhamos mais de 200 mil novos nomes em nossos registros de membros. A importância disso não está nos números, mas nas pessoas que foram alcançadas com a mensagem de salvação; nas vidas transformadas pela graça de Cristo.

**Ministério:** *Que realizações o senhor aponta como as maiores daquele período?*

**Pastor Nagel:** Quero apontar uma realização que considero fundamental: o envolvimento dos membros na missão da Igreja, em seu programa missionário, com base no que escreveu Ellen G. White: “Enquanto pastores e leigos não estiverem unidos, não terminaremos a Obra do Senhor.” Houve também maior disponibilidade de material para o trabalho. Muitas vezes treinávamos, motivávamos, mas não tínhamos suficiente material para colocar à

disposição dos irmãos. Isso acabava tendo influência no resultado final.

**Ministério:** *Em que posição a Divisão Sul-Americana está situada, no contexto da Igreja mundial?*

**Pastor Nagel:** Graças a Deus, a Divisão Sul-Americana encontra-se na vanguarda, juntamente com outras Divisões. Temos um programa agressivo de evangelismo integrado, para cumprir a ordem de pregar as boas novas do evangelho em todo o nosso território.

**Ministério:** *Quais as linhas gerais do plano de evangelismo integrado?*

**Pastor Nagel:** O evangelismo integrado nada mais é do que todas as forças da Igreja arregimentadas para a pregação do evangelho. Muitas vezes, no passado, fazíamos evangelismo, mas não integrados; ou seja, todos voltados para um mesmo objetivo, trabalhando em todas as áreas de acordo com os dons recebidos, com um mesmo pensamento e uma missão. Podemos comparar o evangelismo integrado à construção de uma casa. Para esse trabalho, necessitamos de pedreiros, carpinteiros, eletricitas, etc. Todos trabalham com um só objetivo. Cada um tem sua tarefa, mas a meta é comum. Isso é integração. As maneiras pelas quais usamos todos os segmentos são diferentes, mas o alvo a ser atingido é o mesmo – “a pregação do evangelho a todo o mundo nesta geração”. Isso é o que desejamos e nisso estamos integrados. Não se trata de forças trabalhando em sentidos opostos ou diferentes direções. Estamos olhando como conjunto o alvo a ser alcançado. Essa é a beleza do evangelismo integrado. Aliás, há muito tempo, Ellen White já dizia: “A obra de Deus na Terra nunca poderá ser finalizada enquanto os homens e mulheres que compõem nossa igreja não cerrarem fileiras, e juntem seus esforços aos dos ministros e oficiais de igreja.”

**Ministério:** *Qual o lugar do evangelismo público tradicional, nesse projeto?*

**Pastor Nagel:** O evangelismo público continuará sendo um dos

métodos que utilizaremos para alcançar pessoas e lugares que não foram alcançados. Em nenhum momento ele foi colocado em segundo plano. Nas cidades onde não temos presença adventista, ainda é recomendado o evangelismo público, por ser esse método uma das maneiras de chamar a atenção e despertar o interesse de um maior número de pessoas para o evangelho. Realizado na igreja local, o evangelismo público é complementado pelo trabalho do obreiro voluntário. É esse envolvimento dos dois métodos que contribui para uma farta colheita de conversos e efetivamente está produzindo grandes resultados. A Igreja continua aplicando fundos da mesma forma, utilizando com ênfase o evangelismo público. Não é correto o pensamento que estamos abandonando essa prática. Muito pelo contrário, queremos utilizá-la muito. Esperamos que cada pastor faça evangelismo público de modo a atingir pessoas sinceras que precisam urgentemente ouvir o evangelho salvador de Jesus Cristo.

**Ministério:** *A assembléia de Toronto foi a última do milênio. Quais os maiores desafios, segundo sua avaliação, que a Igreja enfrentará no próximo milênio?*

**Pastor Nagel:** Sem dúvida necessitamos orar e trabalhar para transmitir orientações sábias a um mundo confuso e sem rumo. Mas certamente o grande desafio da Igreja é concluir a pregação do evangelho em todo o mundo e, especificamente, no território da nossa Divisão.

**Ministério:** *Numa assembléia mundial, muitas decisões importantes são tomadas. Dentre as que marcaram o encontro de Toronto, quais são as que, no seu entendimento, tornarão o trabalho da Igreja mais condizente com as exigências sociais e religiosas do novo milênio?*

**Pastor Nagel:** Estou seguro de que a Igreja possui um programa estabelecido e bem fundamentado nas Escrituras Sagradas e na orientação provida pelos escritos de Ellen G.

White. Tudo isso abarca e alcança todas as situações através dos tempos, em todos os lugares e culturas. Bem edificadas, individualmente e como Igreja, nessa base, estamos prontos para ir adiante do mundo.

**Ministério:** *Alguns críticos alardeiam que a Igreja está ficando mais ecumênica do que deveria. O que o senhor diria a esse respeito?*

**Pastor Nagel:** Continuamos mantendo nossa independência com relação às outras igrejas, como sempre o fizemos no passado. É verdade que antes de os acontecimentos finais ocorrerem haverá uma tendência para que todas as igrejas se tornem semelhantes e digam que estão unidas. Mas nós mantemos nossa posição sólida de independência. Também é verdade que a Igreja Adventista tem conversado com algumas outras igrejas, nos aspectos doutrinário e religioso. Nesse diálogo, discutimos pontos em comum, a fim de verificarmos que possibilidades temos de ajudar algumas pessoas a verem a Bíblia de maneira diferente da que estão acostumadas. No entanto, esse gesto de maneira nenhuma significa ecumenismo, ou relacionamento com elas no sentido de incorporarmos suas doutrinas ou modificarmos nossas crenças.

**Ministério:** *Fale sobre os documentos emitidos durante a última assembléia da Associação Geral, sobre divórcio e novo casamento, liberdade religiosa, evangelismo e proselitismo.*

**Pastor Nagel:** Sobre a questão do divórcio e novo casamento, a Igreja não tomou nenhuma posição nova significativa, além do preceituado na Bíblia e no Manual da Igreja. Havia uma tendência, da parte de um pequeno grupo, para que fosse incorporada a questão do direito a um novo casamento, no caso de um casal ter problemas por incompatibilidade de gênio. Essa questão foi defendida por alguns que argumentavam da seguinte maneira: se um casal não consegue viver junto por incompatibilidade de gênio, que a Igreja lhe conceda o direito a um di-

vórcio e um novo casamento. No concílio anual do ano passado, esse item já aparecera na agenda, mas não foi aprovado. Ainda permanece o que foi ensinado por Jesus e que consta na Bíblia. Liberdade para novo casamento somente será possível se um dos cônjuges for infiel ao voto matrimonial. No que tange à liberdade religiosa, a Igreja Adventista tem se posicionado claramente a respeito do direito que cada ser humano possui de escolher livre e conscientemente sua religião. A liberdade religiosa e a liberdade de consciência são dois direitos inigualáveis pelos quais todos temos de lutar para que sejam mantidos. Evidentemente, sabemos que, antes da volta de Jesus, essas liberdades desaparecerão. Devemos envidar todos os esforços para mantê-las, com o objetivo de facilitar a pregação do evangelho e concluir a tarefa que o Senhor nos confiou. Pregar o evangelho é a razão da nossa existência como Igreja. É nossa missão dada por Cristo. Por isso, devemos criar condições de liberdade para executá-la, e mantê-las, durante o máximo de tempo que nos for possível, e enquanto isso for possível.

**Ministério:** *Qual a sua opinião sobre a recente declaração do Vaticano, intitulada Dominus Iesus (Senhor Jesus), na qual a Igreja Católica reafirma sua supremacia?*

**Pastor Nagel:** Creio que todos nós adventistas do sétimo dia estamos familiarizados com o poder crescente da Igreja Católica. E também sabemos que ela vai tomar posições cada vez mais firmes. O fato de ela se dizer suprema não nos deve causar nenhum espanto. Até a volta de Jesus, ela mostrará uma tendência crescente para sobressair-se como representante de Deus na Terra. Isso nos chama a atenção para os proféticos acontecimentos que antecederão a volta de Cristo. A mencionada declaração e outros posicionamentos apenas são indícios de que a “ferida mortal” está curada; e a Igreja, com grande força, agirá sobre a Terra. Não creio que devamos ficar preocupados. Afinal, conhecemos os tempos e os dias em que

estamos vivendo, temos noção do que vai acontecer no futuro. É tempo de buscar preparo espiritual.

**Ministério:** *Que prioridades e metas específicas o senhor tem para a Divisão Sul-Americana neste novo quinquênio?*

**Pastor Nagel:** A grande prioridade continua sendo alcançar os que ainda não foram alcançados com a mensagem. Nesse sentido, a meta é a Missão Global, buscando conquistar muitos municípios e províncias que ainda estão sem presença adventista na América do Sul. Dar oportunidade para que todas as pessoas tenham contato com Cristo, reconheçam-no e aceitem-no como Salvador pessoal. Isso é um desafio para nós. Há países resistentes ao evangelho. Há o desafio dos grupos minoritários. Temos que alcançá-los no seu contexto cultural, apresentando-lhes Jesus. Para isso temos usado vários meios disponíveis, como o rádio e a televisão, por exemplo. Também precisamos construir templos para abrigar os novos conversos. Outro grande desafio é obter condições financeiras para colocar suficientes pastores a fim de atender a todas as igrejas que nascem a cada dia, cada semana.

**Ministério:** *Quais são suas expectativas em mais um período à frente da Divisão Sul-Americana?*

**Pastor Nagel:** A Igreja cresce a cada dia e esse crescimento produz muita alegria pelo que Deus tem feito em nosso continente. Se realmente estivermos dispostos a continuar trabalhando como temos feito até o presente, procurando envolver cada vez mais a congregação; se houver unidade de propósitos entre pastores, médicos-missionários, colportores, professores e obreiros voluntários, ocorrerá o que a Bíblia menciona no livro de Joel – veremos grandes maravilhas operadas antes da volta de Jesus. Haverá conversão do coração dos pais aos filhos, dos filhos aos pais, pessoas buscando encontrar a Jesus como seu Salvador. Quando lemos, no livro de Atos, que foram acrescenta-

das à igreja três mil, cinco mil pessoas em pouquíssimo tempo, acreditamos que por ocasião do derramamento da Chuva Serôdia do Espírito Santo, esses números serão multiplicados muitas e muitas vezes. O que veremos em um só dia no que diz respeito a pessoas aceitando a Cristo, excederá em muito o que foi presenciado no passado. Porque o número de crentes, hoje, é muito maior do que naqueles dias. Creio que já começamos a experimentar os primeiros pingos da Chuva Serôdia caindo sobre a Igreja. Deus está desenvolvendo o Seu programa final para este mundo, advertindo as pessoas e lhes mostrando o caminho da salvação. Espero que cada um de nós faça sua parte, vivendo, pregando e testemunhando a respeito da volta de Cristo. Estamos aqui para ser uma bênção ao mundo. Como Abraão, a quem Deus disse: “Vai e sê tu uma bênção.” O mesmo nos é dito hoje: “Sê uma bênção”, onde quer que haja um trabalho para ser feito.

**Ministério:** *Qual o seu maior anseio para o ministério adventista na América do Sul?*

**Pastor Nagel:** Que todos os nossos pastores tenham tempo suficiente para comunhão com Deus. Essa é uma das grandes preocupações que tenho. Creio que existem muitas coisas roubando o tempo que deveríamos separar para estarmos na presença do Senhor. Entre essas coisas eu incluo especialmente o computador e a internet. Acho que a comunhão pessoal com Deus é a arma que carrega as baterias espirituais de nossa alma, a fim de que possamos dar algo e ajudar as pessoas com as quais estamos envolvidos. Não podemos dar aquilo que não temos. Só podemos encher o coração dos nossos irmãos com a esperança da volta de Jesus, quando nosso coração estiver transbordando essa esperança. Que alegria será chegarmos ao Céu e encontrar as pessoas às quais ensinamos a respeito de Cristo e ajudamos a encontrar o caminho da salvação! Que o Senhor nos conceda essa bênção. ✓

# Adoração infantil



**VANIRA DITTMAR SARLI**

*Coordenadora da Área Feminina da Associação Ministerial, na União Central-Brasileira*

Em razão de trabalhar também na coordenação do Ministério da Criança e do Adolescente, tenho-me preocupado com um assunto que desejo partilhar neste espaço. Trata-se de uma questão da maior importância e que envolve a salvação dos nossos jovens e crianças: a conservação deles na igreja. De que maneiras podemos desempenhar bem essa tarefa? Vamos enumerar algumas delas.

## No culto divino

Precisamos estar atentos à necessidade de dedicar atenção às crianças e aos adolescentes, facilitando-lhes a participação e integração no serviço de culto, aos sábados. Entendemos que durante a Escola Sabatina eles são devidamente atendidos; mas, ao irem para o “espaço dos adultos” pouco ou nada fazemos para que se sintam parte integrante daquele momento. Então, não admira que esses cordeirinhos fiquem entrando e saindo do templo. Afinal, não lhes transmitimos o senso

de que também fazem parte da adoração a Deus.

Possivelmente não tenhamos, como Igreja, dado o devido espaço para a integração das gerações nos serviços de culto. Se os pastores refletirem sobre esse assunto, logo descobrirão que, ao darmos a devida atenção às nossas crianças e aos adolescentes, teremos uma igreja garantida para o futuro.

O educador e escritor Philip Yancey, dirigindo-se certa vez a um grupo de mil pastores, perguntou-lhes quantos costumavam ter em sua igreja o “momento da criança” no culto divino. Ficou decepcionado ao verificar que nenhum deles fazia isso. Disse-lhes então que todo pastor deveria separar um momento especial, no culto, para as crianças. E então falar a elas, assentado no chão com elas, ao nível dos seus olhos, colocando os braços em torno delas, fazendo-se conhecido delas e tornando-se seu amigo.

A falta dessa interação fará com que o pastor seja sempre um ilustre desconhecido para crianças e adolescentes. E, certamente, até mesmo na época do Batismo da Primavera, irá dificultar a abordagem. Eles não vão conhecê-lo como seu pastor e não ouvirão a sua voz.

Para facilitar essa prática, estamos disponibilizando um material intitulado “Adoração Infantil”, composto de um CD duplo, contendo 13 histórias entremeadas de músicas e efeitos especiais, apostila com as histórias do CD e atividades para as crianças, suporte contendo lápis de cor, apontador, lápis preto. O material é suficiente para o ano inteiro.

## Escola Cristã de Férias

Outro projeto que requer o melhor de nossa atenção é o da Escola Cristã de Férias. Esse plano tem a dupla vantagem de conservar as crianças na igreja e atrair os pais não adventistas a Cristo. O programa é elaborado de tal maneira que todas as crianças têm uma participação nas atividades diárias bem como na festa de encerramento, quando os pais são convidados a assistir.

Um novo material também foi preparado para a Escola Cristã de Férias, pelo Ministério da Criança e do Adolescente da União Central-Brasileira. Trata-se do programa *Os Segredos do Grande Artista*. Através do seu conteúdo, as crianças são levadas a reconhecer a Deus como o Criador do Universo, conhecer os segredos e mistérios da natureza, valorizar o ser humano como a principal obra da criação, aceitar o amor de Jesus, buscar a presença divina em seu dia-a-dia e amar a Deus sobre todas as coisas.

Entre as estratégias de ensino, existem histórias bíblicas, atividades manuais, cânticos, lazer, e outras.

Para que a Escola Cristã de Férias possa funcionar sem maiores problemas, uma sugestão é usar a equipe de professores da escola paroquial durante as férias de janeiro, considerando que nessa época pastor e esposa têm seu período de descanso. Nas férias de julho, a esposa do pastor e ele mesmo podem liderar a programação.

É importante insistir na lembrança de que o objetivo da Escola Cristã de Férias transcende a mera ocupação do tempo no qual as crianças estarão envolvidas com alguma atividade. Ela é um veículo para atrair pessoas a Cristo. As crianças poderão frequentar a Escola Adventista, o Clube de Desbravadores e Aventureiros. E, atrás delas, poderão vir os pais. ✓

# Pressupostos da capelania



**NERIVAN F. SILVA**

*Diretor interno do Instituto Adventista de Ensino de Minas Gerais*

A palavra capelão vem do latim *capellanus*, que significa “cabo”. É a pessoa responsável pela vida religiosa da comunidade ou instituição onde serve, e também atua como conselheiro espiritual.

O propósito deste artigo não é provar a eficácia do ministério de capelania, mas salientar as premissas ou pressupostos que justificam a existência e o exercício desse ministério.

Eis algumas dessas premissas:

**A universalidade do pecado.** Segundo o livro dos Salmos (14:2 e 3) e a carta de Paulo aos romanos (3:23), o pecado atingiu a todos os seres humanos. É uma tragédia que teve uma extensão universal. Foi quebrantamento da lei do amor; separação de Deus. Conseqüentemente, o homem precisa reencontrar-se com Deus. Para isso, necessita muitas vezes de que alguém lhe indique o caminho.

**O amor e a bondade de Deus.** As pessoas precisam conhecer e ex-

perimentar o amor e a bondade do Senhor em sua vida (Sal. 86:5; Mat. 5:45; Jo. 3:16). Muitas pessoas perecem na angústia e na solidão, por não terem essa experiência com Deus. O ministério de capelania conduz tais indivíduos nessa experiência, levando-os a compreender a realidade das palavras registradas em Jeremias 31:3: “com amor eterno Eu te amei; por isso, com benignidade te atraí.”

**O perdão de Deus aos homens.** Isa. 43:25; 44:22; I Jo.1:9 são passagens demonstrativas de que Deus está mais disposto a perdoar do que estamos dispostos a pecar. O perdão divino é posto em dúvida por milhares de pessoas. As igrejas, instituições e unidades escolares estão repletas de seres humanos que condenam-se a si mesmos por não compreenderem o significado da sentença libertadora de Cristo: “vai e não peques mais” (Jo. 8:11). Orientado pelo Espírito Santo, o ministério de capelania pode ajudar as pessoas a encontrar e aceitar o perdão divino.

**Igualdade de todos perante Deus.** À sombra da cruz, todos são iguais perante Deus (Deut. 10:17; Mat. 28:18 e 19; Atos 10:34; Apoc. 7:9). Não existem diferenças de cultura, casta ou raça, diante daquele cujos olhos acompanham todo movimento no Universo. A humanidade faz acepção de pessoas. Entretanto, anjos do Céu estão atravessando a Terra de alto a baixo, de lado a lado, buscando confortar os tristes, proteger os que es-

tão em perigo, conquistar o coração dos homens para Cristo. Ninguém é negligenciado ou deixado à margem. Deus não faz acepção de pessoas, e tem igual cuidado pelas almas que criou”. – *O Desejado de Todas as Nações*, pág. 639.

**As necessidades humanas.** Ver Sal. 23 e Mat. 6:25-34. Em todas as partes as pessoas são marcadas por necessidades reais e sentidas. Essas necessidades também alcançam os aspectos afetivo e emocional das pessoas. Há corações feridos e magoados, bem como emoções despedaçadas e violentadas. Tais pessoas encontram-se nas igrejas, no trabalho, nas ruas e avenidas. O ministério da capelania pode ministrar essas necessidades, pois “o Salvador misturava-Se com os homens como uma pessoa que lhes desejava o bem. Manifestava simpatia por eles, ministrava-lhes às necessidades e granjeava-lhes a confiança. Ordenava então: “Segue-Me”. – *Beneficência Social*, pág. 60.

**Os males da humanidade.** Muitos males afligem as pessoas em seu dia-a-dia. Aflições, angústia, ansiedade, culpa, tristeza, saudade, etc.

O ministério de capelania atua como um bálsamo curador e restaurador, pelo poder de Deus.

Diante de todos esses pressupostos, o ministério de capelania existe com o objetivo de prestar assistência espiritual e psicológica às pessoas. Num mundo conturbado pelos problemas e dramas humanos, é fundamental que elas encontrem um conselheiro que as oriente e as incentive a continuar a jornada, na busca de seus objetivos na vida.

Por isso, a respeito do capelão, pode-se dizer, parafraseando, que “o Senhor lhe deu língua de eruditos, para que ele saiba dizer boa palavra ao cansado”. E que “o Espírito do Senhor está sobre ele, porque o Senhor lhe ungiu, para pregar boas-novas aos quebrantados, enviou-lhe a curar os quebrantados de coração, a proclamar libertação aos cativos, e a pôr em liberdade os oprimidos” (Isa. 50:4; 61:1). ✓

# Uma guerra cruel

*Depoimento anônimo de um pastor, publicado na revista Apuntes Pastorales, publicação ministerial evangélica na Costa Rica. Usado com permissão.*

Escrevo este artigo anônimo porque sinto vergonha, não só por minha esposa e por meus filhos mas também por mim mesmo. Relatarei minha luta contra a cobiça sexual. Creio que minha experiência não é fora do comum e talvez seja típica de outros pastores.

Lembro-me da noite em que experimentei pela primeira vez o apetite carnal desmedido. Durante a adolescência, havia me deleitado com literatura erótica, porém o despertar da minha cobiça sexual aconteceu anos mais tardes, já casado, durante uma viagem. Longe de casa, num quarto de hotel, enquanto folheava um guia turístico da cidade, volta e meia olhava a foto insinuante de uma bailarina exótica, atraente, quase desnuda. A primeira vez que vi o anúncio, instintivamente desqualifiquei seu show porque ia além dos meus limites cristãos. Entretanto, enquanto olhava um programa de TV sem graça, o corpo da garota novamente apareceu como que dizendo: "por que não?"

Eu poderia ir como um observador; no mundo porém não do mundo. As racionalizações se amontoavam para fundamentar meus desejos, e em dez minutos estava em um táxi rumo à zona promíscua da cidade. Talvez Deus Se apresentaria, apagaria meus desejos e me convenceria de que eu estava enganado.

## Terreno perigoso

Entrei no bar e ali me sentei com os olhos fixos no palco. A garota era o que o anúncio dizia. Começou sua apresentação, vestida, e nos fazia desejá-la tirando lentamente cada peça de roupa, com um sorriso provocador. Eu a olhava sem poder acreditar. Para terminar, em meio a efeitos de luzes cintilantes, cruzou o palco despida.

Duas horas depois, saí do bar com uma sensação estranha, e surpreso de que em realidade não tivesse acontecido nada comigo. Continuava sendo a mesma pessoa. Cometi pecado naquela noite? A princípio disse a mim mesmo que não. Dizia-me que teria pecado se tivesse olhado a mulher desejando ter relações com ela, como ensinara Jesus. Na realidade, não me lembrava de ter desejado ter relações com aquela garota. Foi algo mais privado. O que aconteceu foi algo rápido que logo passou sem deixar rastros.

A culpa me alcançou nessa mesma noite. Quando voltei ao hotel, já estava fazendo orações chorosas, pedindo perdão. Durante mais de dez anos estive em uma guerra sem trégua.

Acho que a cobiça sexual não se parece com nada que tenho experimentado. A maioria das coisas que mais nos divertem e nos causam emoção perdem certo entusiasmo e atração uma vez que as experimentamos. O sexo é diferente. O maior conhecimento não reduz sua atração. Não há outra experiência que tenha essa força selvagem.

## Impulso hormonal

Tenho analisado a cobiça sexual, dissecado-a até chegar a seus componentes. Não poderiam nossos

hormônios e cromossomos ter sido dispostos de maneira que as pessoas pudessem mais facilmente achar satisfação numa só pessoa? Por que não fomos criados como os animais, que, salvo em certos períodos, vivem sua rotina diária quase sem querer sexo? Poderia manejar melhor a cobiça se soubesse que ela só me atacaria em maio ou outubro. O que me enlouquece é não saber e ser continuamente vulnerável.

Você dirá que não é Deus que nos faz cobiçar, mas que escolhemos fazê-lo e, provavelmente, Deus o permite como uma oportunidade para exercitar a virtude. Eu entendo, mas você sabe por experiência própria que esses conceitos piedosos, embora sejam corretos, perdem importância diante do que sucede em meu organismo quando vou à praia ou tomo uma revista erótica.

Muitos de vocês sabem o que é revolver-se na culpa dessa obsessão e orar chorando com toda a fé que alguém pode reunir, para que Deus nos liberte.

Também sabem o que se sente quando se prega sobre a graça, a obediência ou a vontade de Deus, com as lembranças da noite de cobiça sexual ainda frescas na mente. Às vezes até concluímos o sermão prometendo que não vamos permitir que elas nos afetem da próxima vez, até que, ao final do culto, uma mulher atraente se aproxima sorrindo para saudar-nos e felicitar-nos pela mensagem. A resolução desaparece. E enquanto ela fala de como foi abençoada pelo sermão, a desnudamos mentalmente.

## Obsessão ou possessão

Aprendi cedo que a cobiça se-

xual vai em uma única direção. Ninguém pode ir a um nível tão baixo e ficar satisfeito. Uma revista estremece, um filme excita, um show ao vivo inflama o sangue. Nunca cheguei à prostituição, porém experimentei a natureza insaciável do sexo o suficiente para sentir-me aterrado. A cobiça sexual não satisfaz; somente incita.

Por alguns momentos, essa obsessão chegou a parecer-me uma possessão. Lembro-me de uma vez em que senti medo. Estava de viagem e passei por um bar que anunciava bailarinas desnudas. Esse show não era como os *striptease* que tinha visto. A garota aparecia desnuda desde o começo, e contorcia a poucos centímetros da minha cabeça. Tinha o olhar cravado em mim. Era tão próximo, tão íntimo que me pareceu, por um momento aterrador, que se assemelhava mais a uma relação do que a uma atuação. O que senti só pode ser chamado de possessão.

Saí dali cambaleante. Senti que havia cruzado a linha divisória e que não poderia recuperar a inocência. Naquele fim de semana tinha compromissos importantes; porém, em cada um deles, as imagens da garota enchiam a minha mente. Prometi-me, uma vez mais, que só compraria revistas respeitáveis. Minha habilidade para manter-me puro só necessitava de alguns limites, pensei. Estas são algumas das justificativas nas que baseava minha conclusão de conter a cobiça sexual em vez de cortá-la de uma vez:

O nu é uma arte.

Mesmo revistas eróticas têm artigos excelentes.

Um pouco de estímulo beneficiará a vida sexual do casamento.

Outros fazem coisas piores.

Que é a cobiça sexual, no final das contas? O desejo de ter relações sexuais com alguém específico. Eu experimentava uma excitação geral, não um desejo específico.

Alguns desses conceitos têm algo de verdade. Eu os usava como um manto para poder atenuar a guerra interior que me atormentava. Para meu total desgosto, várias vezes

havia sentido como a luxúria eclodia e ganhava um poder sinistro.

### Pouco prazer e muita culpa

Cabe lembrar que minha vida não girava em torno da cobiça sexual. Passava dias, meses, sem buscar uma revista ou um filme. E muitas vezes chorava diante de Deus implorando que me tirasse esse desejo. Por que não recebia resposta? Por que Deus não tirava minha liberdade de decisão quando isso me afastava dEle?

Li muitos livros e artigos sobre a tentação porém não foram de muita ajuda. Os conselhos dos diferentes escritos poderiam ser resumidos da seguinte maneira: “simplesmente não faça.” Ainda que intelectualmente pudesse estar de acordo com sua teologia e seus conselhos, não havia mudança em mim.

A maior parte desse tempo odiava o sexo. Conhecia o seu prazer, porém eram apenas poucos momentos que se contrapunham a dias e dias de angústia e culpa. Não podia conciliar minhas fantasias com a experiência rotineira do sexo no casamento. Comecei a ver o sexo como um erro de Deus. Ao final só causa tristeza, pensava. Com o sexo, qualquer crescimento espiritual parecia impossível.

### Casamento afetado

No que respeita ao meu casamento, minha cobiça sexual não o destruiu, não me empurrou para alguma relação adúltera ou prostituição. Foi mais sutil. Principalmente levou-me a diminuir o valor de minha esposa como ser sexual. O sexo em meu casamento se converteu numa válvula de escape para a paixão que crescia dentro de mim. Nunca falei do assunto com minha esposa, porém estou certo de que ela o percebia. Creio que começou a ver-se como um objeto sexual no sentido de que não era o objeto de paixão ou romantismo, mas de minha necessidade física.

Contudo, a dualidade sexual empalidecia diante da dualidade espiritual. Imaginem a brecha que havia em mim quando me dirigia a

um retiro espiritual, num fim de semana, onde via a admiração e as lágrimas de compromisso de meus ouvintes, e terminava em meu quarto folheando a mais recente publicação erótica. Não podia conciliar isso; tampouco podia evitá-lo.

Havia em mim dois sentimentos contraditórios: por um lado, o desejo intenso de ser limpo; por outro lado, o desejo de aferrar-me aos prazeres eróticos. Isso deve ser o que Paulo quis dizer em algumas passagens como Romanos 7. Mas onde estava Romanos 8 em minha vida?

### A restauração

Assim como recordo o momento em que despertei para a cobiça sexual, posso lembrar o começo da cura e restauração. Também sucedeu numa viagem, quando falei em uma conferência sobre vida espiritual.

Nessa ocasião estava praticando um regime bastante estrito de “luxúria controlada”. De repente encontrei-me recorrendo às ruas da zona promíscua da cidade. Encontrei um show ao vivo de garotas desnudas sobre uma plataforma giratória que se podia ver durante três minutos, por cinquenta centavos. Nada de arte, beleza, nem baile. Os homens ilhados em cabines como animais enjaulados. Nenhum vínculo. As mulheres se encontravam tão cansadas que era possível ouvir sua conversa sobre o preço da comida. E ali estava eu, a três dias de falar num retiro sobre vida espiritual. Nessa noite, a culpa e a vergonha me abateram como ondas furiosas. Novamente, vi a imagem desoladora do poço em que havia caído.

Havia sentido o mesmo antes. Sem embargo, o que mais me chamou a atenção foi que minha viagem a esse retiro, antes sempre prazenteira, não me produziu nada alegre. Sentia-me como se estivesse em casa lendo o jornal e bocejando. Esse pensamento me perturbou. Minha mente volvia uma e outra vez àquela cabine imunda. Estava ficando louco? Estava minha alma se esvaziando?

A duras penas terminei a conferência e fui muito aplaudido. Todos

foram abençoados. Naquela noite, só em meu quarto, não me dediquei à literatura erótica, mas fiquei pensando no que estava me acontecendo todos estes dez anos, e não gostei.

### Amigo no mesmo barco

Três dias depois, passei uma noite em casa de um grande amigo, pastor de uma das maiores igrejas da região. Nunca havia partilhado com alguém detalhes de minha vida de lascívia, porém minha dualidade estava chegando a tal ponto que senti que era hora de fazê-lo. Meu amigo me escutou em silêncio, compaixão e sensibilidade. Depois que terminei meu relato, permaneceu sentado muito tempo com um olhar triste. Eu esperava suas palavras de conselho e cura. Necessitava de alguém que me dissesse: “Teus pecados estão perdoados.” Primeiro, vi seus lábios trêmulos. Os músculos de sua face se crispavam, e ele começou a chorar; eram gemidos profundos.

Meu amigo não chorava por mim apenas, mas por ele também. Começou a contar-me de sua própria viagem pelo caminho da cobiça sexual. Havia chegado a suas últimas conseqüências: prostituição e orgias. Seu casamento, inclusive, estava ruindo em meio a um processo de divórcio.

Durante duas semanas, vivi sob uma nuvem de terror e fatalidade. Havia cruzado uma linha invisível, que deixaria minha alma manchada para sempre? Marcharia também eu, como meu amigo, para a destruição espiritual? Não havia saída para nós?

### Ajuda oportuna

Um mês depois daquela conversa, li um livro de memórias, *O Que Creio*, de Francis Mauriac. Em um capítulo sobre a pureza, Mauriac chega à conclusão de que só há uma razão para seguir a pureza. “Bem-aventurados os limpos de coração, porque eles verão a Deus” (Mat. 5:8). A pureza, assinala Mauriac, é a condição necessária para um amor sublime, para obter a possessão superior a qualquer outra: o próprio Deus.

As bem-aventuranças indicam

que os pecados são empecilhos para o crescimento espiritual. Se pecamos, quem sofre somos nós; pois não haverá desenvolvimento em nosso caráter nem gozaremos a imagem de Cristo que teríamos se não houvéssimos pecado. Esse pensamento foi como um alarme em meus ouvidos. Compreendia o que estava perdendo por alimentar minha cobiça sexual: estava limitando minha intimidade com Deus. O amor que Ele oferece é tão transcendente e pleno que requer a purificação de nossas faculdades para que possam contê-lo. Poderia Deus dar-me outra sede e outra fome distintas do que eu nunca havia podido satisfazer? Poderia a Água Viva apagar a sede da cobiça sexual?

Conhecia a vida de Mauriac o suficiente para saber que sua observação era o clímax de uma vida de luta. Ele havia chegado a essa conclusão como a única justificativa para a abstinência. Talvez, a disciplina e o compromisso que implicam permitir a Deus purgar as impurezas conformavam o primeiro passo essencial para uma relação com Deus que eu nunca havia conhecido.

### O amor da esposa

A combinação de dois fatores me preparou para tentar novamente uma aproximação de Deus em confissão e fé: por um lado, o pavor que me produziu a dolorosa história do meu amigo pastor. Por outro lado, o raio de esperança de que a busca da pureza poderia transformar a fome insaciável que havia sentido por dez longos anos. Orei sem esconder nada. E Deus me ouviu.

Devia dar um passo de arrependimento; doloroso, mas necessário. O arrependimento, diz Carl S. Lewis, “não é algo que Deus requer de ti para receber-te e que te poderia evitar se o desejasse; é simplesmente a descrição do regresso”. Para mim, o regresso devia incluir uma conversa com minha esposa, que havia sofrido em silêncio todos esses anos. Eu havia pecado contra ela e lhe ofendera tanto quanto a Deus. Talvez minha impureza impedira que nosso amor

crescesse, da mesma forma que havia bloqueado o amor que podia experimentar de Deus.

Contei-lhe quase tudo, sabendo que estava pondo sobre os seus ombros uma carga que talvez não pudesse suportar. Durante dez anos, ela percebera como uma neblina invisível me havia cativado, fazendo-me agir de maneira estranha, separando-me dela. Agora, confirmava suas suspeitas. Deve ter-lhe parecido uma reprovação da minha parte: “não eras suficiente para mim no aspecto sexual e tive que buscar isso em outro lugar.”

Ainda assim, apesar da dor, me deu seu perdão e garantiu seu amor. Considerou meu inimigo seu inimigo. Abraçou minha sede de pureza como sua própria. Amou-me com um amor surpreendente, incompreensível e totalmente imerecido.

Faz um ano essa conversa com minha esposa. Nesse tempo ocorreu um milagre. A guerra interior terminou. Em uma ocasião, falhei novamente, um mês depois. Fui a outro show barato. Não havia transcorrido nem dez segundos, quando comecei a sentir um medo apavorante. O sangue golpeava em minha frente. O mal estava se apoderando de mim. Tive que sair dali imediatamente. Corri, o mais rápido que pude, e percebi que havia mudado muito; antes me sentia seguro ao ceder à luxúria, mas agora me sentia seguro fugindo da tentação (II Tim. 2:22). Pedi forças ao Senhor e fui embora.

### Compensação divina

À parte dessa vez, não voltei a sentir tal compulsão. Garotas com blusas e saias curtas ainda me chamam a atenção, mas a ânsia já não existe. As bancas de revistas eróticas perderam sua atração. Nunca mais assisti a um filme proibido. Não posso negar que era prazeroso. Mas finalmente ganhei uma espécie de alarme que soa quando o perigo está perto. Depois de dez anos, tenho uma consciência e uma reserva de forças à minha disposição. Tem sido necessário para mim manter comunicação aberta com Deus e com minha esposa. ✓

# A pregação nos dias apostólicos



**EMILSON DOS REIS**

*Professor no Seminário Adventista Latino-americano de Teologia, Engenheiro Coelho, SP*

Jesus encontrou-Se pela última vez com Seus discípulos. Durante os últimos anos eles haviam gozado de Sua companhia e recebido Seus ensinamentos e o treinamento necessário para continuar o trabalho que Ele iniciara. O Mestre cumprira Sua missão no mundo. Vivera uma vida imaculada, vencera a tentação, o tentador e a própria morte. Agora, era necessário partir, voltar para o Pai. Quais seriam Suas últimas palavras? Qual o conteúdo de Sua última mensagem? Certamente aquilo que Ele julgava ser o mais importante. Diz o texto sagrado: “determinou-lhes que... esperassem a promessa do Pai... Porque... vós sereis batizados com o Espírito Santo, não muito depois destes dias... mas recebereis poder, ao descer sobre vós o Espírito Santo, e sereis Minhas testemunhas tanto em Jerusalém como em toda a Judéia e Samaria e até aos confins da Terra” (Atos 1:4-8).

Cerca de dez dias depois, “ao

cumprir-se o dia de Pentecostes, estavam todos reunidos no mesmo lugar” e “todos ficaram cheios do Espírito santo” (Atos 2:1-4). Agora, repleta de poder, a Igreja avançou. Milhares se converteram e as congregações se multiplicaram perto e longe. Em apenas uma geração, o evangelho “foi pregado a toda criatura debaixo do céu” (Col. 1:23).

Pensando nessas coisas, e sabendo que a pregação teve um papel destacado, fomos levados a indagar como eram os sermões dos tempos apostólicos. Valeria a pena examinar o Novo Testamento para encontrá-los e, então, analisá-los? Foi o que procuramos fazer. Como é sabido, freqüentemente a Bíblia apresenta apenas um resumo dos fatos. Descobrimos que o mesmo aconteceu com o registro dos sermões, de maneira que, embora tenham sido pregados muitos deles, apenas seis foram relatados tão extensamente que possibilitem uma análise. Todos eles se encontram no livro de Atos. Vamos, pois, examiná-los com propósitos homiléticos, nos detendo nas circunstâncias em que foram proferidos e na introdução e no objetivo de cada um.

## O sermão de Pedro

O primeiro é o que está registrado em Atos 2:14-36. Foi pregado em Jerusalém, pelo apóstolo Pedro, imediatamente após a descida do Espírito Santo e o falar em línguas por parte de todos os crentes que ali estavam reunidos.

Em sua introdução, ele se referiu ao fato de que aqueles que falavam em línguas não estavam embriagados, como alguns pensavam, mas que aquela demonstração inusitada era o cumprimento de uma das profecias de Joel 2:28-32. Esse sermão tinha como objetivo apresentar a Jesus crucificado e ressuscitado como sendo o Cristo (Messias) tão longamente esperado, de modo que os ouvintes a Ele se convertessem (Atos 2:32, 36, 40 e 41).

## O sermão de Estêvão

Estêvão fora preso e acusado falsamente. Agora, diante do Sinédrio, teve a oportunidade de apresentar sua defesa, e o fez na forma de um sermão, anotado em Atos 7:1-53. Em sua introdução, ele se referiu ao chamado de Abraão, pai da nação, e seu propósito era lembrar, passo a passo, os principais personagens e eventos da história de Israel até chegar em Cristo e à grande salvação efetuada por Ele.

Sua pregação, entretanto, foi interrompida. “Houve um tumulto entre o povo. Quando estabeleceu conexão entre Cristo e as profecias, e falou, como fizera, a respeito do templo... Viu a resistência que encontraram suas palavras, e compreendeu que estava a dar seu último testemunho. Embora no meio de seu sermão, concluiu-o abruptamente.”<sup>1</sup>

Estêvão narrara quase mil anos da história de Israel, desde Abraão até Salomão, e então, percebendo que tinha muito pouco tempo, omi-

tiu outros mil anos de história e apresentou logo o que era mais importante: Cristo, o Justo, recentemente morto por seus ouvintes.

### **Pedro na casa de Cornélio**

Depois de anunciarem o evangelho em Jerusalém, Judéia e Samaria, não se preocupavam em ir adiante, e quando o faziam somente evangelizavam os judeus que porventura encontrassem em outras regiões do mundo. Deus, então, deu uma visão a um gentio, Cornélio, e outra a um dos principais apóstolos, Pedro, para incentivar a Igreja a prosseguir no cumprimento de sua missão (Atos 10:1-33).

Na casa de Cornélio, o apóstolo pregou o sermão relatado em Atos 10:34-43. Como introdução, ele disse reconhecer que Deus não faz acepção de pessoas e aceita a todos os que, em qualquer lugar, O temem e obedecem. Seu objetivo era pregar a Jesus em harmonia com o que todos os profetas haviam testemunhado, o qual, tendo passado pela experiência da morte e ressurreição, fora constituído Juiz de todos os homens, a fim de que Cornélio e os seus pudessem crer e ser perdoados (vs. 44-48).

### **O sermão de Paulo em Antioquia**

Paulo estava na sinagoga da cidade de Antioquia da Pisídia e, após a costumeira leitura da lei e dos profetas, foi convidado pelos chefes a falar ao povo. Aproveitando a oportunidade, pregou o que está em Atos 13:16-41. Introduziu sua mensagem falando da escolha que Deus fizera dos pais do povo de Israel, sua peregrinação na terra do Egito e o Êxodo.

Seu propósito era pregar a Jesus que fora morto e ressuscitara, e por meio de quem todo o que crê é justificado (de tudo o que a lei não pode justificar). Por isso, os ouvintes deviam crer nEle (vs. 27-30, 39, 40, 42 e 43).

### **Paulo em Atenas**

Paulo, que tivera de sair às pressas de Beréia por causa da perseguição dos judeus, chegara a Atenas e ali aguardava a vinda dos companheiros Timóteo e Silas. Enquanto isso, pregava diariamente na praça e, aos sá-

bados, na sinagoga. Havendo oposição por parte dos filósofos, foi convidado para ir a certo lugar de reuniões chamado Areópago, a fim de discutir seus ensinamentos (Atos 17:13-21).

Seu sermão (vs. 22-31) teve início com a seguinte introdução: Vocês são muito religiosos. Observando seus objetos de culto, eu encontrei um altar ao Deus desconhecido. Esse é o meu Deus. Ele é o Criador do mundo e de tudo o que nele existe. Fez todas as raças e é o Mantenedor da vida.

Nessa ocasião, Paulo tinha como objetivo anunciar a Deus como o Criador e Senhor do Universo, o qual haveria de julgar o mundo por meio de um homem a quem ressuscitara dentre os mortos. Em determinado momento, ele foi impedido de continuar, especialmente porque falara na ressurreição dos mortos. Contudo, conseguira falar o essencial – Cristo morrera e ressuscitara – para que houvesse conversões (vs. 32-34).

### **Paulo diante de Agripa**

Depois de estar preso por uns dois anos em Cesaréia, Paulo teve a oportunidade de contestar as acusações levantadas contra si, diante do rei Agripa, que visitava o local (Atos 25:13-15, 22-27; 26:1). Mas ele se identificava tanto com o evangelho que sua defesa tornou-se também a defesa do evangelho, apresentada na forma de um comovedor sermão (Atos 26:2-23).

Na introdução, disse estar feliz por se encontrar na presença do rei Agripa e poder se defender das acusações dos judeus, especialmente porque o rei era entendido nos assuntos dos judeus. A partir daí começou a contar sua vida religiosa desde a mocidade. O propósito de Paulo era mostrar que, como pregador do evangelho, estava em harmonia com o que Moisés e os profetas haviam dito a respeito de Cristo, o qual haveria de padecer e ressuscitar, bem como anunciar a luz ao povo e aos gentios (vs. 15-29).

### **Lições para hoje**

Após analisar esses sermões, chegamos a algumas conclusões que

trazem preciosas lições aos pregadores modernos.

1. Todos os sermões que ficaram registrados no Novo Testamento eram de cunho evangelístico, tinham como objetivo a conversão de pessoas que ainda não eram crentes. Por alguma razão não ficou relatada nenhuma pregação destinada a fortalecer os que já eram cristãos. Isso não significa que tal pregação não existia ou que devamos pregar apenas para os que ainda não são crentes. Sabemos que parte do conteúdo das epístolas tinha o objetivo de relembrar as verdades que haviam sido pregadas anteriormente (Rom. 15:14 e 15; I Cor. 15:1; II Ped. 1:12-15; Jud. 5, 17 e 18).

2. A introdução variava de um sermão para outro, mas sempre estava em harmonia com o tipo de ouvintes e a situação em que estes e o pregador se encontravam. Assim, pregando aos judeus, era próprio começar falando de Abraão, pois esse patriarca era estimado por todos eles e, além disso, constituía-se um ponto comum entre o orador e os ouvintes. Quanto mais pontos comuns houver entre as pessoas, melhor será a comunicação e o entendimento entre elas.

O discurso de Paulo aos filósofos de Atenas é um bom exemplo. Ele começou de outra maneira, mas com algo a eles relacionado, pertinente ao local: o altar ao Deus desconhecido. Isso serve de instrução para nós, mostrando que a introdução de um sermão deve estar adaptada à realidade dos ouvintes.

3. Todos os sermões possuíam um ou mais objetivos, e eram expostos de tal maneira que havia um desenvolvimento lógico e progressivo do assunto, partindo do conhecido para o desconhecido e do menos importante para o mais importante.

4. A pregação era enraizada nas Escrituras. Sua mensagem brotava daquilo que Deus havia revelado aos Seus servos e que se encontrava registrado no Antigo Testamento, a

Bíblia daqueles dias. Isso nos faz lembrar do que o apóstolo Paulo escreveu em sua última carta, a Timóteo: “Conjuro-te, perante Deus e Cristo Jesus... prega a Palavra” (II Tim. 4:1 e 2).

Por que é importante que nossa mensagem seja sempre bíblica? Podemos encontrar a resposta nos ensinamentos de Jesus. Diversas parábolas que Ele contou eram sobre sementes. Explicando a parábola do semeador, Ele afirmou que “a semente é a Palavra de Deus” (Luc. 8:11). Se plantarmos um grão de areia, nada acontece. Se plantarmos, porém, uma sementinha, algo pode acontecer. Ela pode germinar, brotar, crescer e dar flores e frutos. A diferença é porque a semente possui um poder, um princípio de vida dado por Deus, ao passo que o grão de areia é algo inanimado, sem vida.

Assim é na pregação. Quando seu fundamento são as notícias que aparecem diariamente na mídia, ou os postulados da filosofia, da psicologia e da ciência, pode haver instrução, pode ser interessante e mesmo agradável, mas nada acontece na vida espiritual dos ouvintes. Mas, quando o pregador abre a Palavra e a lê diante da congregação, e a explica, alguma coisa vai acontecer. Corações serão tocados, decisões serão tomadas, vidas serão transformadas. Porque o Espírito de Deus acompanhará o estudo sincero de Sua Palavra, usando-a como instrumento de salvação. Aquele que usa o púlpito pode utilizar informações das mais variadas fontes, inclusive as que foram mencionadas anteriormente, mas elas devem ser meras ilustrações da mensagem. O cerne da pregação deve ser a verdade bíblica. Pregador, não plante areia. Essa não é a sua missão. Não compensa.

5. Todos os sermões eram cristocêntricos. Mas isso não significa apenas mencionar Jesus como um homem sem pecado ou dotado de grande poder para efetuar curas e

milagres, ou como um grande mestre ou profeta. Ele precisa ser proclamado como o Salvador que foi morto na cruz em nosso lugar e por meio de quem alcançamos a graça do perdão e o poder para uma vida vitoriosa.

### A estrada

Escrevendo sobre a necessidade que muitas pessoas têm de saber o que fazer para serem salvas, Ellen White declarou que “nenhum sermão deve ser feito sem que nele se contenha uma porção especialmente destinada a esclarecer o caminho pelo qual os pecadores podem atingir a Cristo para salvarem-se”<sup>2</sup> e que “nunca se deve pregar um sermão sem apresentar como a base do evangelho a Cristo, e Ele crucificado”.<sup>3</sup>

Certo jovem estava pregando na presença de um venerável pastor e, ao terminar, dirigiu-se tolamente ao velho ministro e perguntou:

“Que achou do meu sermão, senhor?”

“Um sermão fraco”, foi a resposta.

“Um sermão fraco!”, exclamou o jovem, acrescentando: “custou-me enorme tempo para prepará-lo.”

“Não duvido”, respondeu o ministro.

“Então, por que diz que foi fraco? A explanação do texto não foi exata?”, insistiu o jovem.

“Oh, sim!”, disse o velho pregador, “muito exata, não há dúvida”.

“Bem, mas então por que diz que foi um sermão fraco? Não foram as ilustrações muito apropriadas e o argumento bem conclusivo?”

“Muito bom, tão bom o quanto era possível, não obstante foi um sermão pobre.”

“Então, diga-me, por que achou o um sermão fraco?”

A resposta do experimentado pregador foi: “Porque Cristo não estava nele.”

“Bem”, respondeu o jovem, “Cristo não estava no texto; não podemos pregar sempre a Cristo; precisamos pregar o que está no texto.”

Então o velho ministro disse: “Sabe você, jovem, que de cada cidade, de cada vila, de qualquer que seja o lugarejo existe uma estrada que leva a Londres?”

“Sim”, respondeu o jovem.

“Pois bem”, disse-lhe o pregador, “de igual forma, em cada texto nas Escrituras há uma estrada para a metrópole que é Cristo. E seu dever é, quando escolher o texto, perguntar: ‘agora, qual é a estrada que leva a Cristo?’ E então pregar o sermão correndo ao longo dessa estrada em direção à metrópole. Quanto a mim, nunca encontrei um texto que não tivesse uma estrada direta para Cristo; e se eu encontrasse um texto que não tivesse uma tal estrada, eu faria uma estrada nele, de maneira que, embora subindo vales e montes, pudesse chegar a meu Mestre, pois um sermão é menos do que nada, se não houver nele um sabor de Cristo.”<sup>5</sup>

Como são os nossos sermões? Temos nos demorado em falar da cruz? Há algo de especial e sobrenatural na história da morte de Jesus, de modo que, sempre que é contada, entenece os ouvintes e os aproxima de Deus.

Havendo, portanto, examinado os sermões que foram pregados pelos primeiros oradores sacros da Igreja, descobrimos que cada um possuía uma introdução peculiar, apropriada aos ouvintes e às circunstâncias em que esses e o pregador se encontravam. Todos eram fundamentados nas Escrituras e possuíam um desenvolvimento progressivo, tendo o propósito definido de apresentar a Cristo na cruz, como nosso Salvador.

Julgamos que todas essas características devem constar nos sermões da atualidade e que tal procedimento muito contribuirá para que a pregação da Palavra seja cada vez mais poderosa e eficaz. ✓

### Referências

1. Ellen G. White, *Atos dos Apóstolos* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira), pág. 100.
2. \_\_\_\_\_, *Evangelismo* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira), pág. 188.
3. \_\_\_\_\_, *Obreiros Evangélicos* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira), pág. 188.
4. Charles H. Spurgeon, *O Conquistador de Almas*, 2ª ed (São Paulo, SP: Publicações Evangélicas Seleccionadas, 1986), pág. 76.

# Cada crente um teólogo



Divulgação

**JUAN MILLANA O.**

*D.Min., professor no Seminário Adventista Latino-americano de Teologia, Engenheiro Coelho, SP*

O sentido técnico, especializado e elitista que tem a teologia atual é um fenômeno moderno. Tanto a Bíblia como os escritos de Ellen White colocam a teologia ao alcance do crente individual. Esse hábito parece favorecer não apenas o conhecimento pessoal, mas também uma melhor compreensão da natureza das dissidências que afetam a Igreja; bem como ajudam a definir cada vez melhor a sua missão no contexto da iminente volta de Jesus.

Necessitamos de teologia na Igreja Adventista do Sétimo Dia? Em caso afirmativo, que tipo de teologia? Quem são os teólogos? Na tentativa de responder essas e outras interrogações, neste artigo, nos propomos em primeiro lugar definir funcionalmente a palavra teologia. Em seguida, apresentaremos um resumo histórico da evolução da teologia na Igreja cristã, acompanhada

de uma aplicação à Igreja Adventista. Depois analisaremos a importância da teologia para o crente moderno. E, finalmente, buscaremos responder de maneira prática a razão pela qual a Igreja Adventista requer teologia.

## Definição

Teologia é o estudo da relação de Deus com Suas obras, de forma especial, com o homem e sua condição. Por extensão, teologia é também a disciplina que se esforça para dar uma declaração coerente das doutrinas da fé cristã. Dotada dos grandes princípios bíblicos, a teologia procura dar uma resposta aos problemas e dilemas que os homens e mulheres devem encarar na vida diária. Se bem que seus temas sejam atemporais, usa linguagem, conceitos e formas de pensamento que são compreensíveis para homens e mulheres atuais.

Entretanto, no processo de se tornar compreensível para os dias atuais, a teologia precisa evitar dois perigos: primeiro, o de apresentar Jesus como um liberal do presente século. O segundo perigo é o de tratar o crente do século 21 como se ele vivesse no primeiro século. Por isso, a teologia deve ser prática, no sentido de que se relacione com a vida, não simplesmente com as crenças.

A partir de outra perspectiva, Ellen White acrescentaria a isso o fato de que a Bíblia é um livro de idéias, é teologia e filosofia: “A Bíblia contém simples e completo sis-

tema de teologia e filosofia. É o livro que nos torna sábios para a salvação. Fala-nos do amor de Deus segundo é revelado no plano redentor, comunicando o conhecimento essencial a todos os estudantes – o conhecimento de Cristo.”<sup>1</sup>

## Evolução histórica

Edward Farley distinguiu três etapas na evolução da compreensão do termo “teologia”.<sup>2</sup>

A primeira abrange os primeiros onze séculos do cristianismo. Nesse período, o termo teologia raramente aparece no ambiente cristão. Contudo, o conhecimento de Deus foi parte integrante do movimento cristão e sua literatura. Poderíamos entender que, nesse período, teologia foi um conhecimento orientado para a salvação.

Na segunda etapa, da Idade Média até o Iluminismo (séc. 12 – séc. 17), a teologia continua com o sentido de conhecimento de Deus, mas também se separa da compreensão do primeiro período. Esse período, que já envolvia a moderna universidade, é uma época claramente marcada na história do cristianismo, na qual se unem dois elementos: a escola e o esquema doutrinal patrístico clássico. O resultado dessa união é a apropriação de ensinamento, especialmente desde a filosofia, em um marco que explora e expressa o esquema clássico.

Em outras palavras, esse período registra uma teologia como ciência ou disciplina, no sentido distintivamente escolástico (método de demonstrar conclusões). A teologia desse período é um estado, uma disposição da alma, que tem o caráter de conhecimento, predominantemente prático, não teórico, com características de sabedoria. A iluminação divina é compreendida como hábito da alma, conectado com discernimento das Escrituras. Essa sabedoria bíblica pode ser promovida, aprofundada e estendida mediante estudo humano.

Promovida especialmente por Tomás de Aquino, a teologia, nesse sentido, chegou a ser uma disciplina. Produziu-se assim a transição entre a aprendizagem e o ensino cristão baseados nas Escrituras (santa página), para uma ciência aristotélica (santa doutrina). Nesse período, o lugar escola/escola monástica foi substituído pelas universidades. Posteriormente, com as universidades e com o renascimento de Aristóteles, estabeleceu-se um padrão ou esquema filosófico que passou a chamar o conhecimento de Deus de teologia.

Finalmente temos a etapa que vai do Iluminismo até nossos dias. Algumas idéias dos períodos anteriores são mantidas, mas reinterpretadas. Mesmo que a teologia continue como qualidade pessoal, não o faz como sabedoria a serviço da salvação, mas como o necessário *know-how* para o trabalho ministerial. A teologia como disciplina também continua, não como uma empresa unitária de estudo teológico, mas como erudição técnica e especializada, como qualquer outra. Em outras palavras, como teologia sistemática.

Que lições podem ser aprendidas dessa evolução histórica da teologia? Primeira, a advertência de que a dedicação dos crentes individuais à teologia bíblica vai diminuindo no tempo e, paralelamente, seu cultivo passa gradualmente a mãos de religiosos especializados. Através de suas interpretações, esses religiosos determinam o que os crentes podem crer. A segunda lição é a observação de que a Bíblia perde gradualmente sua centralização como objeto de estudo, sendo substituída por uma doutrina elaborada pelo agente erudito teológico. Terceira lição: a teologia que inicialmente iluminou a condição pecaminosa do homem e sua conseqüente necessidade de salvação, sofreu uma redução e passou a ser uma série de estudos independentes, técnicos e geralmente sem unidade, tendo como único elemento centralizador as funções ministeriais.

## A influência

O impacto causado por essa evolução do termo teologia no movimento adventista, pode ser melhor observado em certas atitudes assumidas pelos obreiros evangélicos e as reações de Ellen White a essas atitudes.

Talvez o impacto mais importante esteja relacionado com um tipo de conformismo teológico observado entre muitos pastores. Diante disso, Ellen White destacou a responsabilidade pessoal de estudar a Bíblia e chegar a conclusões teológicas nela fundamentadas. Isso foi claro durante a assembléia geral da Igreja, realizada em Mineápolis, em 1888. Naquela ocasião, a agenda teológica girou em torno da lei em Gálatas e distintos aspectos do livro de Daniel. O Pastor Butler defendia o uso da autoridade administrativa para chegar a uma conclusão final. Ele pensava que os administradores tinham “opiniões mais claras”. Ellen White não demorou na reação a essa tendência, dizendo achar que Butler imaginava ser infalível em virtude da posição que ocupava.<sup>3</sup>

O enfoque de Butler animou muitos adventistas ao conformismo, no sentido de considerar um homem que pense por eles como consciência de todos. Ellen White susteve que isso debilita pastores e membros, e que os torna incapazes de permanecer fielmente em seu dever. Ela não concordava em que não fossem estudadas as questões de Gálatas em Mineápolis, porque um homem não estava presente ali.<sup>4</sup>

Outro intento de Butler e Smith foi a elaboração de algo como um credo para fixar posições teológicas sobre Gálatas e os dez reinos de Daniel. A tentativa foi feita em 1886, antes de Mineápolis. Submetido à análise de uma comissão composta por nove pessoas, o assunto ficou dividido (cinco a quatro). Diante disso, evitou-se levá-lo à assembléia. No entanto, ficou decidido que não fosse ensinado nada nos colégios até que uma vasta maioria de irmãos o aprovasse, mediante o estudo a apreciação de líderes experientes.<sup>5</sup> Considerando que os dois

eram os “líderes experientes”, isso lhes daria poder de veto. Mas apesar disso, não obtiveram a votação formal para executar o plano.

Um dos problemas com os credos é que eles tendem a situar assuntos marginais de interesse presente (ou contingente), ligados firmemente aos assuntos centrais da Bíblia, como marcos fundamentais. Tais novos marcos, uma vez estabelecidos, dificilmente são removidos, pois qualquer tentativa é vista como um ataque direto à fé dos pais. Esse tipo de perpetuidade agrada aos tradicionalistas.

Em Mineápolis, noutro momento, diante do desejo de resolver o assunto dos dez reinos e outros, o plenário pronunciou sonoros améns ao procedimento de petrificar a doutrina, que Ellen White não aceitou. Ao contrário, advertiu que antes devia-se estudar conscienciosamente a Bíblia. O método poderia ter impedido a discórdia, porém não representava um acordo harmonioso nem perfeito. A harmonia não podia ser superficial, muito menos repousar sobre profundas diferenças. Era necessária uma teologia baseada na autoridade bíblica para chegar a um acordo. Ellen White argumentou em favor de um estudo aberto dos assuntos envolvidos. Declarou que “a verdade nada tem a perder por causa da investigação. Deixemos que a Bíblia fale por si mesma, que seja seu próprio intérprete... que havia descuido e negligência em pastores que permitiam que outros a investigassem por eles”.<sup>6</sup>

Segundo ela, o conformismo era uma atitude generalizada, fora e dentro da Igreja, que não podia ser aprovada. “A presente geração tem confiado seu corpo aos médicos e sua alma aos ministros. Não pagam eles bem aos seus ministros para estudar a Bíblia em seu lugar, a fim de que não precisem ser molestados? E não é sua obrigação dizer-lhes aquilo em que eles devem crer, e solucionar todas as questões duvidosas de teologia sem investigação especial de sua parte?”<sup>7</sup>

Advertiu ainda que Satanás “in-

duz o povo a olhar para os bispos, pastores, professores de teologia, como seus guias, em vez de examinarem as Escrituras a fim de, por si mesmos, aprenderem seu dever. Então, dominando o espírito desses dirigentes, pode influenciar as multidões a seu bel-prazer”.<sup>8</sup>

### Tema importante

Poderíamos citar pelo menos quatro razões, entre outras, que ressaltam a importância da teologia na Igreja.

1. *Favorece o desenvolvimento pessoal e do caráter.* Numa época que dá especial importância à cultura quantitativa, é importante recordar que a verdadeira cultura significa conhecer bem poucas coisas, ao invés de conhecer pouco muitas coisas. Mas o conhecimento deve implicar melhor compreensão de si mesmo. Trabalhar apenas para conquistar um grau acadêmico com seu inerente prestígio social, “significa ignorar voluntariamente um dos maiores paradoxos do crescimento espiritual, de que quanto maior o crescimento espiritual, mais claramente vemos quão longe estamos da perfeição espiritual... Os primeiros doze discípulos eram os mais comuns dos homens... contudo, não levou muito tempo para que começassem a argumentar sobre quem era o maior”.<sup>9</sup>

A teologia é importante porque pode favorecer o desenvolvimento do caráter. Uma das melhores opiniões de um não adventista com respeito à pessoa de Tiago White declarou que “esse homem é um cristão, mesmo sendo um adventista”.<sup>10</sup> Os aspectos positivos do caráter cristão são mais úteis que a erudição teológica. “Não são os mais eloquentes em discursos, não são os mais versados na assim chamada teologia os de maior sucesso; mas aqueles que trabalham diligente e humildemente para o Mestre”.<sup>11</sup>

2. *Diferencia o primordial do secundário.* De acordo com II Timóteo 2:14, deve-se evitar na igreja “contendas de palavras que para nada aproveitam, exceto para a subversão dos ouvintes”. É de suma

importância que em cada escola e igreja seja “ensinada a mais simples teoria teológica. Nessa teoria, a expiação de Cristo deve ser a grande essência, a verdade central”.<sup>12</sup>

3. *Considera que a existência humana implica interpretação.* Todo conhecimento é uma interpretação. Mesmo quando a fonte é a Palavra de Deus, os homens e mulheres que a estudam são dinâmicos e mutantes. Lucas afirma: “muitos houve que empreenderam uma narração coordenada dos fatos que entre nós se realizaram” (Luc. 1:1). E ele mesmo se propõe, “depois de acurada investigação”, escrevê-los “em ordem” (v. 3). Nosso trabalho, sem ter sido testemunhas oculares do ministério de Cristo, é preservar com exatidão o relato das testemunhas oculares e transmitir fielmente os fundamentos da fé cristã às futuras gerações.

A teologia deve interpretar Deus. Isso é impossível sem a Bíblia. A interpretação que a Bíblia faz de Deus é simples e profunda: Deus é amor. A teologia e os teólogos devem lembrar que “a teologia carece de valor a menos que esteja saturada com o amor de Cristo. Essa teologia é a que desenvolverá uma genuína vitalidade nas igrejas”.<sup>13</sup> “O ardente, consumidor amor de Cristo pelas almas que perecem é a vida de todo o sistema do cristianismo”, diz Ellen White.<sup>14</sup> Mas, em agudo contraste, hoje multidões são levadas a sustentar errôneas concepções de Deus.<sup>15</sup>

Considerando que a teologia implica interpretação da parte dos leitores, Ellen White exerceu seu direito e responsabilidade de escrever com precisão em palavras e frases, para evitar repetições de um mesmo assunto e para ter certeza de comunicar a mensagem original, evitando distorções e interpretações posteriores.<sup>16</sup> Os que nos beneficiamos dos seus escritos sabemos que a existência humana, em assuntos de fé, é sempre lingüística e interpretativa. Portanto, é evidente que “recusar avaliar uma herança absolutiza essa herança como algo não histórico e além de corrupção. Falha-

se então em interpretar situações como se fossem normas ou poderes intocáveis”.<sup>17</sup>

4. *Provê ferramentas para evangelização de classes especiais.* Homens e mulheres de provada qualidade moral beneficiarão a si e à causa, ou frequentarão instituições educativas onde puderem ter “um mais amplo campo de estudo e observação, relacionando-se com diferentes classes de mentes familiarizadas com a obra e resultados dos métodos populares de educação, e um conhecimento de teologia tal como é ensinada nas principais instituições de aprendizado”. Essa experiência “os ajudará para trabalhar com as classes educadas e encarar os erros prevaletentes em nosso tempo. Esse foi o método seguido pelos valdenses”.<sup>18</sup>

Existem pelo menos três áreas que requerem uma constante reflexão teológica dentro da igreja. Enumeramos a seguir essas áreas:

### Formação ministerial

A ênfase dada nos dias atuais a este assunto se enquadra não apenas na evolução do termo teologia, conforme o exposto até aqui. Também há, na história recente, quase paralela ao surgimento da Igreja Adventista, certa ênfase que explica a natureza da educação teológica ministrada nos seminários através do mundo e que de alguma maneira influi na Igreja.

A natureza da educação teológica nos Estados Unidos pode ser dividida em três períodos: divindades, erudição e profissionalização. O primeiro período vai desde começos do século 17 até aproximadamente 1800. Esse foi um período de aprendizado pio. Coincidiu com a época da educação teológica pré-seminário, onde hoje é de seminário. O segundo período implicou um aprendizado erudito especializado. O terceiro corresponde a uma educação profissional.<sup>19</sup>

A percepção que muitos pastores têm de si mesmos ao começar o século 21 é a de um administrador eclesiástico. Nesse contexto, “a autoridade humana chega a ser um as-

sunto de habilidade demonstrada em alcançar alvos e na aplicação dos meios. Isso está em perfeita harmonia com a idéia do moderno profissional. Em nossa sociedade pós-iluminista, a autoridade está baseada na habilidade de fazer coisas. Isso é o que o profissional diz fazer”.<sup>20</sup>

A ação de unificar o currículo em torno da instituição do ministério serviu temporariamente para aproximar a universidade da igreja, com respeito à educação teológica; porém, com o passar do tempo, o ministério chegou a ser compreendido como um conjunto de atividades profissionais. Chegou a ser substituído por “este ministério”, ou por “meu ministério”, expressão que significa as atividades de um indivíduo. O ministério chegou a ser definido pelo que este realiza.<sup>21</sup>

A ênfase funcional tanto na formação ministerial como em sua prática já estava presente nos dias de Ellen White. Em 1899, William Harper, fundador da Associação de Educação Religiosa dos Estados Unidos, publicou seu chamado a uma exaustiva reforma na educação teológica.<sup>22</sup> Para ele, a educação teológica devia preparar o ministério para realizar um efetivo trabalho pastoral local. Em contraste a essa proposta, Ellen White concebida a formação ministerial como parte de um processo mais extenso de educação cristã, compreendido como equivalente ao processo de salvação.<sup>23</sup> Para ela, os dois principais objetivos na formação ministerial deviam ser a formação do caráter e o cumprimento da comissão evangélica.<sup>24</sup>

Aparentemente, os teólogos são mais eficientes na igreja quando, além do conhecimento teológico, manifestam uma mente penetrante, pureza de vida, valentia e coragem, habilidade e sinceridade na pregação e ao ensino, junto com uma vida diária, demonstrativa do que se prega.

Como pode o professor favorecer a formação de seu próprio caráter, o de seus alunos, e potencializar a comissão evangélica? Primeiro, ele reconhecerá que suas credenciais espirituais estão sobre as acadêmicas.

Na avaliação final divina, viver os princípios da teologia é mais importante que a quantidade dela conhecida. Segundo, é importante que cresça no conhecimento do Senhor, que aprofunde sua compreensão através do estudo cuidadoso. Não importa quanto tenha aprendido, jamais deve abandonar as verdades básicas acerca de Jesus.

Em terceiro lugar, trabalha em equipe com seus pares, para o bem dos estudantes.<sup>25</sup> Os futuros pastores deverão “confrontar existencialmente a necessidade de fundir seus estudos teológicos, bíblicos e históricos em uma unidade vivente com as áreas práticas. Se o diálogo entre as áreas não ocorre na mente dos professores, dificilmente ocorrerá na mente dos estudantes”.<sup>26</sup> Em quarto lugar, seu labor está centralizado nas necessidades das igrejas locais. Para os professores adventistas de teologia, seu ensino não está construído sobre um conjunto de problemas no ensinamento dos especialistas, mas no conjunto de desafios do ministério e missão da Igreja.

Ellen White não hesitou em recomendar a J. N. Andrews estudar menos e dar mais atenção à liderança da Igreja. Insistiu em que gastasse menos tempo na investigação, e publicasse seus materiais mais rapidamente. Em sua opinião, a Igreja necessitava de material simples, leitura leve, e não os frutos de exaustiva investigação erudita.<sup>27</sup> Já que a teologia trata da vida de pessoas, os professores sempre devem ter em mente as necessidades pessoais ao realizar seu trabalho acadêmico. “A prova real da teologia é o grau em que pode ajudar as pessoas a encarar os problemas diários e da vida da igreja.”<sup>28</sup>

Que considerações deverá ter em mente o estudante de teologia em sua formação ministerial? Primeiramente, precisa aprender que “teologia sem ministério chega a ser algo amargo” e que “ministério sem teologia é apenas um pouco mais que ar perfumado”.<sup>29</sup> Ao lado disso, Ellen White assinalou que “o preparo teológico não deve ser descuidado, mas deve ser acompanhado da religião

experimental”.<sup>30</sup> Esse equilíbrio é para prevenir a situação em que jovens recém-formados em teologia são às vezes os menos preparados para apresentar as palavras de vida a outros, devido a que a leitura de livros especulativos foi feita em detrimento da devoção pessoal.<sup>31</sup>

### Proliferação de dissidências

A proliferação de dissidentes e dissidências, iniciada em 1853 no seio da Igreja, será mais intensa à medida que nos aproximamos da volta de Cristo.<sup>32</sup> Aqui se incluem os principais motivos para a dissidência, como a insatisfação com a liderança, o entusiasmo por uma “nova luz”, problemas de egoísmo, equilíbrio mental e busca de posições.<sup>33</sup>

De outro ponto de vista, na origem dessa efervescência estão o fanatismo,<sup>34</sup> a ignorância da verdade e espírito auto-suficiente.<sup>35</sup> Há também o desejo de se fazer notado. Em alguns indivíduos, o anonimato gera instabilidade.

De acordo com o ensinamento bíblico e os escritos de Ellen White, a atitude mais positiva a ser seguida diante de tais situações envolve o reconhecimento da existência e natureza dessas dissidências. Em II Timóteo 2:15-17, Paulo nos adverte contra o “câncer” espiritual (v. 17). Isso significa que o perigo não reside somente nas dissidências teológicas, mas no espírito “missionário” do erro que procura espalhar-se e afetar outras pessoas, tal como a metástase cancerígena.

É necessário assumir uma ação firme e prudente a favor da verdade bíblica da Igreja e contra os erros manifestos. Um claro exemplo disso é o da própria Sra. White, ao denunciar a tentativa de contaminação da teologia básica da Igreja, urdida pela filosofia panteísta.<sup>36</sup> Não é recomendável um espírito beligerante e apologético. Por outro lado, deve-se aceitar o fato de que “Deus tem permitido ocorrerem apostasias a fim de mostrar quão pouco se pode confiar no homem”.<sup>37</sup> Em todos os casos, não é aconselhável nem uma atitude complacente nem de autoflagelação da parte da Igreja.

A Igreja é única no sentido de que é uma organização divino-humana. Por si mesmo, tal fato gera uma tensão em sua vida e teologia. Uma organização que não tem nenhum problema está encarando um grande problema. Com frequência significa retrocesso, ou que o progresso não acontece com suficiente rapidez ou não existe visão ampla da missão.

### Na igreja local

Tem-se observado que o conceito de teologia sofreu uma redução em seu significado e alcance. Também observa-se que um espírito de conformismo teológico poderia estar presente hoje na Igreja. Tais fatos parecem indicar a necessidade que os crentes e a igreja local se perguntem acerca de seu conceito de Deus e como Ele Se relaciona com Suas criaturas.

Um estudo de II Crônicas 17:7-9 oferece-nos algumas lições. Josafá convidou os príncipes, levitas e sacerdotes para que “ensinassem nas cidades”, porque o povo de Judá era ignorante na Palavra. Não tomava tempo para escutar, discutir a lei de Deus e como ela podia transformar sua vida. Ele percebeu que o conhecimento das instruções dos mandamentos divinos era o primeiro passo para as pessoas viverem como deveriam. Foi assim que iniciou um programa de educação religiosa em todo o país. Reverteu o declínio espiritual, ao dar prioridade a Deus na mente do povo e desenvolvendo um sentido de dedicação individual e de missão.

A tarefa requerida de todos nós é expor o ensinamento da Bíblia em escolas, igrejas, estudos bíblicos, devoção pessoal e familiar. O objetivo é que todos possam ser teólogos. Isso é o que parece afirmar Ellen White ao escrever que “a Bíblia abre nossa compreensão a um simples e mais sublime sistema de teologia, apresentando verdades que podem ser captadas por uma criança, porém que têm um alcance que desafia as mentes mais amadurecidas”.<sup>38</sup> Esse conceito é totalmente

oposto à prática da teologia por uma elite e percebida como algo exótico, confinado a um colégio ou universidade.

Como pode a fé cristã, dedicada a relacionar a fé com a realidade, o mundo e o conhecimento, continuar restrita em seus esforços a um grupo de líderes e fora do alcance dos leigos? Por que a educação na congregação e, para o crente em geral, é concebida de maneira que tem pouco a ver com as disciplinas e exigências da educação teológica formal? Como pode a educação teológica, que compreende estudos permanentes nas disciplinas e habilidades necessárias para compreender as Escrituras, doutrinas, os princípios morais e sua prática, ser vista como necessária para o clérigo, porém, nunca para o leigo?

A história da Igreja cristã revela, mediante seus movimentos subterrâneos que esse padrão não pode ser mantido.<sup>39</sup> Ironicamente, a pessoa assim preparada para o ministério pode ter conhecimento e habilidades e não estar preparada para o tipo de teologia encontrado na Igreja. Enquanto que a teologia no contexto universitário é conhecimento adquirido de acordo com os cânones da erudição e habilidades desenvolvidas de acordo com a experiência profissional, na Igreja, a teologia é pregação, oração, vida devocional e sua prática.

Na igreja local, onde interagem pais, pastores, professores e estudantes, “precisamos ser guiados pela genuína teologia e o bom senso”.<sup>40</sup> Isso significa que as decisões são tomadas com base na teologia e no senso comum ou o sentido do que é apropriado. O senso comum depende da Palavra revelada de Deus; o sentido do que é apropriado, da interação da cultura e maturidade espiritual dos crentes.

Se for desenvolvido um ministério pastoral de maneira que o púlpito seja um real poder dentro da Igreja, e os pastores sejam os líderes mais importantes na prática de sua teologia, teremos uma postura teológica mais equilibrada e menos

compromisso com a tendência liberal que hoje é observada.

Precisamos voltar a ser o povo da Bíblia. ✓

#### Referências:

1. Ellen White, *Conselhos aos Professores, Pais e Estudantes*, pág. 422.
2. Edward Farley, *Theologia*, Philadelphia: Fortress Press, 1983, págs. 29-39.
3. Carta a Mary White, 04/11/1888.
4. *Manuscrito* 9, 24/10/1888.
5. *Review and Herald*, 14/12/1886, pág. 779.
6. Ellen White, *Review and Herald*, 05/08/1888.
7. \_\_\_\_\_, *Conselhos Sobre Saúde*, pág. 37.
8. \_\_\_\_\_, *O Grande Conflito*, pág. 595.
9. James R. Newby, *Ministry*, janeiro/1990, págs. 15 e 16.
10. Robinson, *James White*, pág. 183.
11. Ellen White, *Review and Herald*, 29/11/1906, “The work in Oakland and San Francisco”.
12. \_\_\_\_\_, *Evangelismo*, pág. 223.
13. \_\_\_\_\_, *Lift Him Up*, pág. 134.
14. \_\_\_\_\_, *The Signs of the Times*, “Principles of Service”, 10/05/1910.
15. \_\_\_\_\_, *5T*, pág. 710.
16. Arthur White, *1BIO*, pág. 270.
17. Edward Farley, *The Fragility of Knowledge. Theological Education in the Church and the University*, Philadelphia: Fortress Press, 1988, pág. 90.
18. Ellen White, *5T*, pág. 583.
19. Edward Farley, *Theology*, pág. 16.
20. Joseph C. Hough, *Theological Education* 20, Spring 1984, pág. 77.
21. Merle D. Strege, *Theological Education and Moral Formation*, Grand Rapids: Eerdmans, 1992, pág. 114.
22. William R. Harper, *American Journal of Theology*, 1899, págs. 45-46.
23. Juan Millanao, *An Evaluation of the Concept of Seminary in Mission with Reference to the Latin American Adventist Theological Seminary*, Andrews University, 1992, págs. 55-59.
24. *Ibidem*, pág. 60.
25. Ellen White, *Conselhos aos Professores, Pais e Estudantes*, pág. 432.
26. Richard Niebuhr e James M. Gustafson, *The Advancement of Theological Education*, Nova York: Harper and bro., 1957, pág. 164.
27. Joseph G. Smoot, *Adventist Heritage* 9, Spring, 1984, págs. 3-8.
28. Daniel Augsburger, *Ministry*, outubro/1990, pág. 6.
29. *Ibidem*.
30. Ellen White, *Signs of the Times*, 17/01/1885, pág. 180.
31. \_\_\_\_\_, *Review and Herald*, 20/04/1887, pág. 457.
32. Estes fenômenos devem ser entendidos em seu significado dentro do conflito entre o bem e o mal. Ellen White baseia na experiência de Coré, Datã e Abirão (Núm. 16) sua advertência: “duvido que uma rebelião declarada possa remediar-se.” – 2MS, 456.
33. R. W. Schwarz, *Light Bearers to the Remnant*, pág. 455.
34. Ellen White, *Mensagens Escolhidas*, vol. 2, pág. 17.
35. \_\_\_\_\_, *13MS*, 167.
36. Arthur White, *4BIO*, pág. 394.
37. Ellen White, *Mensagens Escolhidas*, vol. 2, pág. 395.
38. \_\_\_\_\_, *Review and Herald*, 25/09/1883.
39. Edward Farley, *The Fragility*, pág. 85.
40. Ellen White, *Conselhos aos Professores, Pais e Estudantes*, pág. 257.

# O paradoxo da autoridade



ROY NADEN

*Professor emérito da Educação Religiosa na Universidade Andrews, Estados Unidos*

Quase em todas as ocasiões onde as palavras “autoridade” e “poder” são usadas na versão King James do Novo Testamento, aparecem traduzidas do termo grego *exousia*. São aproximadamente cem vezes. Mateus usa essa palavra com o significado de “direitos”: “...o Filho do homem tem sobre a Terra autoridade para perdoar pecados...” (Mat. 9:6); e com o significado de “jurisdição”: “...sou um homem sujeito à autoridade, tenho soldados às minhas ordens...” (Mat. 8:9).

João emprega *exousia* significando “liberdade”: “Tenho autoridade para a [a vida] entregar e também para reavê-la.” (João 10:18). Ou com o significado de “prerrogativa”: “Mas, a todos quantos O receberam, deu-lhes o poder de serem feitos filhos de Deus.” (João 1:12). Em Lucas, *exousia* aparece significando “energia”: “E muito se admiravam da Sua doutrina, porque a Sua palavra era com autoridade”

(Luc. 4:32). Nos escritos de Paulo, aparece como “exercício de controle”: “o marido não tem poder sobre o seu próprio corpo...” (I Cor. 7:4), ou como estando “sob o controle de outro”: “Todas as coisas me são lícitas, mas eu não me deixarei dominar por nenhuma delas” (I Cor. 6:12).

O uso de *exousia* no Novo Testamento sugere que a autoridade pode encontrar expressão através de maneiras positivas e negativas, estropiadas ou saudáveis. Essa realidade introduz uma discussão dos paradoxos e complexidades freqüentemente associados com autoridade na Igreja.

## Raízes da hierarquia

Eugene Kennedy e Sara Charles, em seu livro *Authority*, pressupõem que a noção de hierarquia pode ser traçada desde a Mesopotâmia.<sup>1</sup> Os sacerdotes dessa região desenvolveram uma compreensão sofisticada dos céus e eram profundamente impressionados pela precisão matemática dos corpos celestes. Com o passar do tempo, os sacerdotes sumerianos fizeram uma impressionante dedução: a ordem que os deuses estabeleceram nos céus era o modelo para a sociedade. Assim como a Terra permanecia incontestável no centro do Universo, o rei poderia reinar incontestável no centro da sociedade. Ou seja, tanto a hierarquia nos céus, vista no giro dos planetas e estrelas ao redor da Terra, como a hierarquia dos cidadãos, orbitando em torno do rei, eram ordenadas por Deus.

Aquelas deduções de três mil anos atrás continuaram essencialmente indiscutíveis por quase três milênios. Elas continuaram como a pedra fundamental da visão, largamente aceita, do “direito divino dos reis”. Os arranjos hierárquicos posteriormente efetuados, na Igreja e na sociedade, foram descendentes diretos desse pensamento.

Mas em tempos difíceis, a hierarquia tem falhado, e as mudanças nesse modo de pensar são evidentes. Copérnico, por exemplo, foi o primeiro a provar que a Terra não ocupa um lugar privilegiado no centro do cosmos. Ele descobriu que giramos em torno do sol. Associado à hierarquia, esse pensamento levou a sociedade a aceitar uma conceitualização integrada, interdependente e democrática. Conseqüentemente, houve uma rejeição da monarquia na sociedade secular, uma mudança da vida eclesiástica na Inglaterra, com o estabelecimento da Igreja Episcopal, e na França, com a rejeição da liderança católica durante a Revolução Francesa. Mas esses acontecimentos eram apenas o começo.

Os autores católicos do livro *Authority* notam a mudança de pensamento em sua Igreja: “A Igreja Católica Romana captou o problema no início do século, talvez em reação ao papa Pio X (1901-1909), que rejeitava com excessiva autoridade o mundo moderno. Através de encíclicas e outros meios ele começou a suprimir a influência do Moder-

nismo na Igreja. No II Concílio do Vaticano (1961-1965), a Igreja respondeu, reorganizou-se, restaurando o modelo colegial, fundamentalmente não hierárquico, estabelecido por Jesus Cristo em Seu relacionamento com os apóstolos.”<sup>2</sup>

Mas então, como disse Davi Remnick, o papa João Paulo II “determinou a reversão do que ele vê como a crise múltipla da Igreja – principalmente uma erosão de propósito moral e obediência à autoridade hierárquica”.<sup>3</sup>

O infundável debate sobre o assunto da autoridade ilustra como a sociedade secular e eclesiástica têm lutado com o novo paradigma. Precisamos ir às Escrituras em busca de compreensão e resolução do problema.

### A norma bíblica

Hierarquia tem sido intimamente entrelaçada com abuso de poder, de força, negação de liberdade para muitos e controle de poucos. Essa forma abusiva é essencialmente imoral. Mas a autoridade bíblica é moral. Ela está fundamentada no amor. Não impõe nada, não opera de cima para baixo, não busca exclusivismo. É baseada em relacionamentos, buscando facilitar a inclusão.

A autoridade bíblica é dada por Deus. Habilita as pessoas e as liberta para crescer na plenitude do amor de Deus. Como resultado, elas promovem a expansão do Seu reino. “A autoridade não é maior que a vida. Na verdade, ela se enquadra exatamente na vida humana. Este reino de Deus reside dentro de todas as pessoas saudáveis. A perda da fama lhes pode ser mais vantagem que obstáculo ao exercício da autoridade sensível. Elas podem ser até superadas por uma indiscriminada cultura popular, onde o bem e o mal, o certo e o errado não façam diferença como direitos de cidadania. Mesmo assim, a autoridade de pessoas normais gera um efetivo, senão culturalmente celebrado, estabelecimento de padrões sensíveis.”<sup>4</sup>

Tal visão de autoridade em cada um de nós, conferida por Deus, revelada em Sua palavra e estimulada

por Seu Espírito é o único modelo organizacional que pode cumprir a vontade de Deus.

### O líder servidor

Uma das mais desafiadoras verdades do Novo Testamento é a admoestação de Jesus para que os líderes sejam servos. Desde os dias de Abraão o modelo hierárquico tinha prevalecido. Mesmo na comunidade judaica, o sumo sacerdote assumiu um papel altamente político no mundo, à parte da liderança espiritual. Buscando inverter tão distorcida visão da vontade de Deus para indivíduos e comunidades, Jesus afirmou que tudo o que tinha sido ensinado e seguido deveria ser substituído por um novo paradigma.<sup>5</sup> E considerando a obra da nascente Igreja, Ele buscou estabelecer uma pirâmide invertida de liderança, oposta ao sistema formulado na terra de Abraão.

Jesus então disse: “sabeis que os governadores dos povos os dominam e que os maiores exercem autoridade [*katexousia*] sobre eles. Não é assim entre vós; pelo contrário, quem quiser tornar-se grande entre vós, será esse o que vos sirva; e quem quiser ser o primeiro entre vós, será vosso servo; tal como o Filho do homem, que não veio para ser servido, mas para servir e dar a Sua vida em resgate por muitos” (Mat. 20:25-28).

Líder e servidor são expressões muito conhecidas na Igreja e na indústria hoje. O originador dessa nomenclatura foi Robert Greenleaf, em 1970. Ele viveu 40 anos como administrador de uma grande companhia e depois começou outros 25 como o diretor do *Greenleaf Center for Servant-Leadership* (Centro Greenleaf para Liderança Servidora). Atualmente muitos dos mais conhecidos consultores de liderança aceitam esse conceito.

Greenleaf resumiu sua compreensão de como nós podemos saber se estamos ou não agindo segundo esse paradigma: “Estão os servidores crescendo como pessoas? Estão eles se tornando mais saudáveis, mais sábios, mais livres e autô-

nomos, mais satisfeitos consigo mesmos?”<sup>6</sup> Isso é bastante significativo quando aplicado a instituições seculares. Mais ainda, quando aplicado ao líder de qualquer segmento na Igreja.

### Compromisso de ouvir

Líderes servidores ouvem as pessoas, seus pensamentos, sonhos e temores. E isso é muito diferente de ser apenas um bom ouvinte. Muitos líderes sabem a importância de dar às pessoas oportunidade para falar. Mas isso não é o mesmo que estar ouvindo. Ouvir, aqui, significa entender os pensamentos mais importantes da pessoa, os que frequentemente permanecem guardados no coração. Isso requer tempo, disciplina, aceitação, percepção, sensibilidade e compreensão.

Líderes servidores são também perspicazes para ouvir o próprio coração. No livro *The Body Speaks* (O Corpo Fala),<sup>7</sup> encontramos que nosso corpo apresenta sintomas como expressões dos dilemas da vida. Ele tem sua própria maneira de enviar mensagens. E nós temos de ouvir essas mensagens e agir. Quanto mais nos demormos nesse processo, mais grave se tornará a situação, até que finalmente nos encontraremos prostrados, começando a morrer.

O desânimo entre clérigos é muito comum.<sup>8</sup> Mas aqueles que aprenderam a ouvir o próprio coração não se abatem. Eles ouvem a si mesmos enquanto ouvem os outros. Enquanto ouvem o próprio espírito falar, também ouvem a voz de Deus. Aceitam a importância da mensagem e respondem antes que aconteça algum dano irreparável. Ouvir a si mesmo e ouvir os outros são dois lados da mesma moeda.

### Compromisso com a confiança

Outro aspecto do líder servidor que facilita a autoridade bíblica na igreja é o processo vital de desenvolver um ambiente de confiança. Se há um baixo nível de confiança em sua igreja, não é possível trabalhar. A liderança tende a se tornar autocrática. Nesse caso, os mem-

bro deixam de colaborar, tornam-se desconfiados, sem motivação. Espalham seu desgosto como algas na superfície, estagnando a fonte.

Covey pergunta o que uma organização é quando existe baixo nível de confiança, e ele mesmo responde numa palavra: “rígida.”<sup>9</sup> Quando as pessoas na igreja não se sentem livres para agir utilizando seus dons, aproveitando as oportunidades que o Espírito Santo lhes dá, a igreja começa a encolher e morrer. Nenhum programa pode ter tanto êxito como quando todos os membros aproveitam todas as oportunidades de usar seus dons, para atender as necessidades humanas.

A confiança é o fundamento de uma comunidade crente comprometida com as almas que necessitam conhecer a Cristo como Salvador e encontrar o caminho de volta ao lar. Como disse Covey, “eu não me preocupo tanto com o que você sabe, até que eu saiba o que lhe preocupa tanto”.<sup>10</sup> O relacionamento de um líder servo que se preocupa com as pessoas e confia nelas, facilita a operação da autoridade bíblica.

### Presença calma

Um terceiro item no desenvolvimento da autoridade bíblica, baseado no modelo líder servidor, é o convite a sermos menos ansiosos. Isso significa estar calmos em situações de tensão. É assim que nos tornamos melhores ajudadores das pessoas em suas dificuldades. Em presença de um líder calmo, as pessoas são libertadas para pensar mais claramente e agir mais responsabilmente.

Nesse processo, o líder servidor é modelo de fé para os membros, não por dizer-lhes o que fazer, mas por mostrar a realidade da luta por crescimento na vida cristã. Ele não tenta exemplificar a perfeição, mas exemplifica o processo. O primeiro caso pode ser ilustrado com a imagem de um pastor sorridente, procurando esconder um coração dolorido que se esforça para dar aparência de êxito e vitória, enquanto esconde a realidade dos altos e baixos diários. O segundo é exemplificado no pastor

que procura ser autêntico. É uma pessoa cheia de esperança e sabedoria, com um enraizado relacionamento de confiança com o Senhor. Esse é o pastor que sabe por experiência como permanecer calmo e confiante quando diante de cargas como conflitos, divórcio, doenças, desespero e morte. Nenhum sorriso pode mascarar tais experiências. O líder servidor sabe disso e não tenta fingir.

Quando o invulnerável pastor perde a calma cria ansiedade e conflito. Mas quando o líder permanece calmo, a ansiedade é administrável. Indivíduos perfeccionistas, defensivos e invulneráveis são, invariavelmente, ansiosos. E têm razões para isso! Mas somente uma calma presença pode criar o cenário para a livre operação da autoridade bíblica, que produz uma congregação vibrante e confiante, bem como o crescimento do Reino.

Segundo Richardson, “o principal trabalho do líder. Em sua maneira de ser na congregação, é criar uma atmosfera emocional onde exista a maior tranqüilidade – ser uma presença calma. Para ser um líder competente não é necessário saber tudo. Quando você se torna uma presença calma, transmite ao grupo experiência e sabedoria para descobrir suas próprias soluções para os desafios enfrentados”.<sup>11</sup>

Estes três elementos são cruciais para a implementação do modelo líder servidor de autoridade, descrito por Jesus: líderes que verdadeiramente ouçam as pessoas; líderes que desenvolvam um relacionamento de confiança com as pessoas e procurem ser uma presença calma para elas.

### Para refletir

Feitas essas considerações sobre um assunto tão incompreendido, é oportuno refletir sobre alguns itens conclusivos.

Primeiro, o núcleo do egoísmo e interesse próprio sempre estará enraizado em nosso coração, enquanto esperamos o *eschaton*, de modo que a implementação da genuína autoridade bíblica será imperfeita. Mas, essa não é uma boa desculpa para

retardar sua implementação, afinal as alternativas que existem são anticristãs: autoritarismo, jogo de poder e interesse pessoal.

Em segundo lugar, a autoridade bíblica nunca deve ser confundida com hierarquia baseada em autoritarismo. São duas coisas opostas; dois estilos infinitamente opostos de vida institucional.

Terceiro item, o uso do poder é um atributo intrínseco de autoritarismo e é sempre autopromocional. Em contraste, o amor é o atributo intrínseco da autoridade bíblica, que busca o crescimento, os interesses e a liberdade de outras pessoas, não o controle sobre elas.

Finalmente, em quarto lugar, se a autoridade bíblica é experimentada em uma congregação composta de indivíduos com uma variedade de dons espirituais como liderança, pastoreio e profecia, não há necessidade de temer conflitos. Esse é o modelo designado por Deus para a Sua Igreja. De acordo com Seu plano, todos devem trabalhar cooperativamente como servidores.

Na Igreja, a “autoridade para agir” dos membros está baseada na “comissão para agir” de Deus. Está ligada aos dons espirituais. Ao invés de causar conflito, gera harmonia. Na metáfora usada por Paulo em seus escritos aos romanos, coríntios e efésios, todos os dons estão juntos na Igreja e funcionam como um corpo verdadeiramente cooperativo e integrado – o indivisível corpo de nosso Senhor Jesus Cristo. ✓

### Referências

1. Eugene Kennedy e Sara Charles, *Authority* (Nova York: The Free Press, 1997), pág. 7.
2. *Ibidem*, pág. 198.
3. *Ibidem*, pág. 199.
4. *Ibidem*, pág. 205.
5. *Mateus* 5 e 6.
6. Robert Greenleaf, *Insights on Leadership*, Larry Spears, ed. (Nova York: John Wiley and Sons, 1997), pág. 19.
7. James Griffith e Melissa Elliott Griffith, *The Body Speaks* (Nova York: Basic Books, Harper Collins Publishers, 1994).
8. Jan Smuts van Rooyen, *Discontinuance From the Ministry by Seventh-day Adventists Ministers: A Qualitative Study* (Universidade Andrews, 1997).
9. Steven Covey, *Insights on Leadership*, pág. 16.
10. *Ibidem*.
11. R. W. Richardson, *Creating a Healthier Church*, (Minneapolis: Fortress Press, a996), pág. 173.

# Sete sugestões para você



**JAMES A. CRESS**

*Secretário ministerial da Associação Geral da IASD*

Sempre que eu interajo com colegas de pastorado, aprendo muito mais do que ensino. Nessas ocasiões, descubro novas maneiras de abordagens para o trabalho. Enumero aqui algumas dicas; e espero que estas idéias de alguma forma contribuam para estimular a excelência em seu ministério pastoral.

**Operação resgate.** A líder voluntária Norma Beier e o Pastor Dan Knapp, de Pendleton, Oregon, Estados Unidos, encorajou todas as igrejas da cidade a convidar os membros afastados para voltarem ao lar. A irmã Norma e a esposa do pastor prepararam faixas especiais e distribuíram entre os pastores, durante um concílio ministerial. Um total de 22 dentre as 26 igrejas da área colocaram as faixas convidativas e muitos membros retornaram às respectivas congregações.

**Templo atrativo.** Membros leigos de Windhoek, Namíbia, África do Sul, desejavam convidar seus amigos e colegas de trabalho para assistirem às atividades da igreja, mas não tinham um lo-

cal adequado para receber visitas. Começaram a realizar os cultos na sala de aulas de uma universidade, mas em pouco tempo o espaço se tornou insuficiente. Limitados pela realidade financeira, eles avançaram em fé e conseguiram adquirir um dos maiores templos da cidade. Hoje, ocupam todo o complexo com atividades de culto, evangelismo, escola e treinamento. O impacto da igreja entre a comunidade e os segmentos empresarial, industrial e político foi multiplicado.

**Ministério de encorajamento.** Um criativo leigo da primeira Igreja Cristã da Reforma, em Washington, sentiu-se cansado de observar as pessoas vendo apenas o lado negativo das situações, pessoas e coisas, e decidiu enfatizar o positivo. Criou então o que chamou de ministério de encorajamento, com o objetivo de aproximar os membros da congregação. Uma das atividades desse ministério é descobrir pessoas fazendo alguma coisa boa. Quando o “detetive” capta uma boa ação praticada, envia para seu autor um cartão manuscrito celebrando o feito e enfatizando sua contribuição para o bem da igreja.

**Ministério das mulheres.** As irmãs da igreja de Yorkton, Canadá, estabeleceram cinco objetivos específicos para sua ênfase no ministério às famílias, à igreja e à comunidade.

1. Encorajar a devoção diária para conhecer a Cristo como o melhor amigo e exemplo.

2. Orar da seguinte forma: “Senhor, ajuda-nos a amar as outras pessoas como Tu nos amas.”

3. Incentivar a unidade entre as mulheres da congregação.

4. Animar cada mulher a desenvolver seu testemunho pessoal.

5. Colocar em prática os projetos missionários disponíveis para mulheres, na congregação.

**Comunicação.** Um bem confeccionado folheto, apresentado por Bernard Sauvagnat, da União Franco-Belga, prende a atenção de pessoas não adventistas e fornece uma visão geral da vida e do ministério da Igreja.

Entre os principais assuntos abordados estão as atividades da Adra, educação, ministério da saúde, liberdade religiosa, declaração de crenças enfatizando a vida em Cristo, breve história da Igreja, visão geral do grande conflito e estatísticas sobre o crescimento da Igreja ao redor do mundo. Há também uma lista de telefones úteis, instituições, publicações e concentrações geográficas.

**Clube de Arão e Hur.** O evangelista leigo Willard D. Regester deu início a uma campanha de apoio ao pastor, com base em Êxodo 17:12, que relata o fato de Moisés recebendo o apoio que o levou à vitória. Regester reúne, num cartão, princípios bíblicos relacionados à união de forças para vencer as batalhas cristãs e citações de Ellen White sobre o tema.

No fim, há um espaço para que os membros subscrevam seu compromisso de apoio à liderança do pastor.

**Amigos das crianças.** As crianças da igreja de Sandy, Oregon, Estados Unidos, ficam ansiosas para que chegue a hora do culto, quando elas podem receber seu *kit* infantil de adoração. São pequenas bolsas coloridas e decoradas com algum tema bíblico, cheias de materiais para que elas desenvolvam atividades espirituais criativas, que as mantenham calmas durante o culto. Cada criança escolhe uma das bolsas à entrada do santuário.

Você pode ter suas próprias idéias, usar as que foram relacionadas aqui, ou adaptá-las em seu trabalho. Nenhuma delas funcionará em todas as situações. Todas elas combinam elementos de visão para partilhar as boas novas de Deus. Uma delas pode ser justamente o que falta à sua congregação. Tente colocá-la em prática. ✓

# “Escolhi esse homem”



Divulgação

## MANOEL XAVIER DE LIMA

*Evangelista da Associação Paulistana*

Neste início de milênio, vivemos o embalo da filosofia do humanismo. Uma tendência cada vez mais ascendente de colocar o gênero humano no centro do controle do Universo, em detrimento de Deus. A Nova Era, sob o reinado de sua majestade Maytrea, é a responsável por esta explosão de crescimento humanístico. A mídia é a asa sobre a qual celeremente voa o movimento. No mundo da exaltação às celebridades humanas, nunca se viu tanta inversão de valores. Elegem-se homens e mulheres do ano, da década, do século e do milênio, mais por fama passageira, dinheiro e perfil sexual, que por benfeitoria à humanidade, honestidade e heroísmo da fé cristã.

Em contrapartida, o mundo do povo de Deus também é detentor de exaltadas galerias de heróis e heroínas. Na Carta aos Hebreus, capítulo onze, en-

contramos a galeria de eleitos da eternidade. Por sua peculiar humildade, o autor da galeria, Paulo, não se incluiu. A descrição a seu respeito seria mais ou menos assim: “Pela fé, Paulo de Tarso, aos 20 anos de idade, aceitou a Cristo como seu Salvador pessoal. E Deus, três dias depois de sua conversão, o apresentou ao damaceno Ananias: ‘Escolhi esse homem’ (Atos 9:15, BLH). De perseguidor passou a ser perseguido durante cerca de 30 anos. Pregou o evangelho por todo o mundo colonizado de seu tempo. Escreveu a metade dos livros do Novo Testamento. Após quatro anos de injusta e humilhante prisão, no ano 67, foi morto por decapitação em praça pública, em Roma, aos 62 anos. Foi eleito por Deus ‘Homem da eternidade’.”

### Dados biográficos

Saulo (hebraico) ou Paulo (grego) nasceu aproximadamente nove anos depois do nascimento de Cristo, em Tarso, uma bela e próspera cidade portuária de 300 mil habitantes, situada na região da Cilícia, Ásia Menor, hoje Turquia. Era banhada, ao Sul, pelo Mar Mediterrâneo; ao Norte, delimitada por uma cadeia de montanhas de até três mil metros de altura. Era um importante centro de cultura e comércio.

Desde menino, Paulo aprendera com o pai o ofício de fazedor de tendas (Atos 18:3), profissão esta que lhe proveu sustento, nos dias de missionário. O pai, judeu piedoso, fazia parte da dispersão, que desde o sexto século antes de Cristo migrara para fora da Palesti-

na. Mas, na pré-adolescência de Paulo, a família mudou-se para Jerusalém.

### Formação cultural e religiosa

Nascido em um lar judeu, Paulo foi educado na rigidez do judaísmo, sendo, pelo menos duas vezes ao dia, instruído no Shemá (Deut. 6:1-8), nas doutrinas e na profissão de fé. Da mesma forma, estudava o Torá (livro da lei), os cinco primeiros livros mosaicos do Antigo Testamento. A dinâmica dos ensinamentos consistia em perguntar, responder, memorizar, repetir e cantar em salmos. Paulo, como jovem inteligente, estudioso e afeiçoado aos temas religiosos, sorvia tudo com sofreguidão.

Teve como mestre preceptor o famoso Gamaliel, falava e escrevia fluentemente as principais línguas vivas da época: hebraica, aramaica e grega. Tornou-se um respeitado intelectual. Era brilhante orador, dotado de invulgar pendor de liderança. Ainda jovem, foi eleito um dos 71 membros do Sinédrio, cargo importantíssimo para a época. Hoje, seria equivalente a um ministro do Supremo Tribunal de Justiça. Tudo indica que o jurista Paulo era o mais brilhante entre os 71 colegas.

Paulo tinha tudo para ter se tornado um famoso político, governante judeu ou romano. Turistas do mundo inteiro poderiam contemplar suas estátuas entre as dos césores de Roma antiga, Atenas e Jerusalém. No entanto, escolheu seguir o que ele mesmo escrevera a respeito de Moisés: “Preferindo ser maltratado junto com o povo de Deus, a

usufruir prazeres transitórios do pecado; porquanto considerou o opróbrio de Cristo por maiores riquezas do que os tesouros do Egito, porque contemplava o galardão”(Heb. 11:25 e 26).

### Cinco períodos

Segundo Carlos Mesters, autor do livro *Paulo Apóstolo – Um Trabalhador Que Anuncia o Evangelho*, a vida de Paulo de Tarso está organizada em quatro períodos, aos quais acrescento mais um:

1º período – Do nascimento (início da Era Cristã) aos 28 anos: o judeu praticante.

2º período – Dos 28 (ano 37 a.D.) aos 41 anos: o convertido e fervoroso cristão. Passou três anos na Arábia por causa de perseguição (Gál. 1:17).

3º período – Dos 41 aos 53 anos: o poderoso pregador, evangelista itinerante (II Cor. 11:25 e 26).

4º período – Dos 53 aos 58 anos: organizador de novas congregações e confirmador da fé do rebanho.

5º período – Dos 58 aos 62: o prisioneiro sofredor, mas não desanimado (II Cor. 4:8-11). Foi morto decapitado, a mando do sanguinário imperador Nero, no ano 67 a.D. O Pastor Jerônimo Garcia costumava dizer a seus alunos seminaristas: “O ministro do evangelho precisa estar sempre preparado para duas coisas: pregar e morrer.” Paulo vivenciou com precisão esse conceito (Fil. 1:21; II Tim. 3:7 e 8).

Alguém, acertadamente, disse que se fosse preciso eleger três principais homens da Era Cristã, com toda justiça estes poderiam ser: Jesus Cristo, Paulo de Tarso e Martinho Lutero.

### Sete lições

Da vida de Paulo, podemos extrair sete lições para o pastor do século 21:

**Teologia do chamado.** “Escolhi esse homem.” O chamado para o ministério pastoral não é tarefa humana, mas divina. Paulo tinha plena consciência disso quando testemunhou a seu amado companheiro Timóteo: “Sou grato para com Aquele que me fortaleceu, a Cristo Jesus nosso Senhor, que me considerou fiel, designando-me para o ministério” (I Tim. 1:12). Jesus, Ele mesmo, após orar uma noite inteira chamou seu colega ministerial (Luc. 6:11-16).

Aprecio muito aquele incidente en-

volvendo o grande pregador Carlos Spurgeon e seu discípulo seminarista: o jovem aproximou-se de Spurgeon e perguntou: “Sinto que estou sendo chamado para as missões. Que farei?” Spurgeon respondeu: “Você não tem opção. A menos que queira evitar Deus.”

**Senso de missão.** Não há precedentes ao exemplo de Paulo em sua dedicação ao ministério evangélico, durante 30 anos. E até hoje, dois milênios passados, continua singular. Sem salário (I Tess. 2:9; II Tess. 3:8), destemido, cômico de sua vocação e eleição, ele foi um intrépido especialista em vencer desafios. Preferia desbravar novos lugares a pastorear rebanhos existentes. “Por força de sinais e prodígios, pelo poder do Espírito Santo; de maneira que, desde Jerusalém e circunvizinhanças, até ao Ilírico [hoje Croácia, Bósnia, Iugoslávia, etc.] tenho divulgado o

## Paulo tinha plena consciência de seu chamado divino para o ministério pastoral.

evangelho de Cristo, esforçando-me deste modo por pregar o evangelho, não onde Cristo já fora anunciado, para não edificar sobre fundamento alheio” (Rom. 15:19 e 20).

Viajando em toscos barcos à vela, a cavalo e a pé, enfrentando toda sorte de dificuldades, contratempos da natureza e perseguição, o bandeirante do evangelho esteve presente em todo o mundo colonizado de então. Um cuidadoso estudo do itinerário de suas três viagens missionárias (Atos 16-19) é fonte de inspiração e fornece material para um planejamento de trabalho mensal e anual.

**Cuidado pessoal.** Nos dias do apóstolo já havia, em grande medida, o assédio da corrupção e do pecado em todas as suas formas, com vistas a seduzir um homem a serviço de Deus. Por isso, Paulo recomendou a Timóteo: “Tem cuidado de ti mesmo e da doutrina” (I Tim. 4:16).

Pesquisas feitas nas diversas corpo-

rações religiosas dão conta de elevado percentual de clérigos que precocemente são afastados do seu sagrado ofício. Duas razões se destacam: assédio sexual e descontrole de finanças pessoais (Tito 2:7).

**Preparo intelectual.** A despeito de sua pesadíssima agenda como evangelista, apóstolo e pastor, Paulo não se fossilizava intelectualmente. Mesmo com a restrição literária da época, ele tirava tempo para ler e manter-se informado. Pouco tempo antes da morte, na prisão mamertina em Roma, solitário, abandonado até por amigos da igreja, o apóstolo solicitou a Timóteo: “traze a capa que deixei em Trôade em casa de Carpo, bem como os livros, especialmente os pergaminhos” (II Tim. 4:13).

Paulo, o gigante da palavra e da pena, da tribuna sacra ou parlamentar, impressionava o povo, intelectuais, reis e rainhas (Atos 26:24-29). Era uma máquina divina para produzir e escrever. Dos 27 livros do Novo Testamento, 14 são de sua autoria.

**Amor pelo rebanho.** Paulo chamava suas ovelhas de “meus filhos” (Gál 4:19). Amor semelhante a esse, pelo precioso rebanho, só o do Bom Pastor (João 10). Sabia o nome e endereço das famílias e pessoas. Geralmente no final de suas epístolas ele manda saudações, citando nomes. Exemplo do ministro visitador e comprometido com o bem-estar espiritual, emocional e físico dos membros de suas igrejas.

**Igreja do lar.** Paulo não era apenas um incansável evangelista público. Ele arregimentava o evangelismo pessoal nas congregações. Fundou a igreja do lar, o que os irmãos João e Carlos Wesley chamaram, no século 17, de “pequenas sociedades”. A Igreja Católica chama de “comunidades eclesiais de base”, outros evangélicos, assim como nós, chamam de “pequenos grupos”. Na Igreja cristã primitiva denominou-se *koinonia* (Atos 2:42).

Paulo cita algumas dessas igrejas domésticas: na casa de Priscila e Áquila (Rom. 16:15), na casa de Filemon e Ápia (Fil. 2), na casa de Lídia (Atos 16:15), na casa de Filólogo e Júlia (Rom. 16:15). É importante ressaltar que Paulo usou o excelente método da igreja do lar por três razões precípuas: expandir a pregação do cristianismo na

comunidade e na vizinhança, propiciar oportunidade às mulheres cristãs na missão evangélica e solidificar a fé da irmandade. Havia também uma razão político-religiosa. Os judeus não permitiam que se criasse uma sinagoga ou uma comunidade religiosa só com mulheres, Segundo Mesteres, “exigiam que, no mínimo, houvesse dez homens para que se formasse uma congregação”.

Essas igrejas do lar (pequenos grupos) foram a salvação (proteção na perseguição) e o motivo da inusitada expansão do cristianismo nos primeiros séculos da Era Cristã. Ellen White aponta ser um erro fatal “supor que a obra da salvação de almas depende só do ministério... Quando os membros da igreja de Deus fizeram a obra que lhes é indicada nos campos nacionais e estrangeiros, em cumprimento da comissão evangélica, todo o mundo logo será advertido, e o Senhor Jesus retornará à Terra com poder e grande glória”. – *Atos dos Apóstolos*, pág. 111.

**Amigo de Deus.** Tendo caído literalmente do cavalo, no pó, ferido de cegueira ótica (Atos 22:11), Paulo expressa a sua primeira intimidade com Cristo, respeitosamente chamando-O de Senhor: “Quem és Tu Senhor?” (Atos 9:5). Ao ouvir a voz: “Eu sou Jesus, a quem tu persegues”, Paulo não teve mais dúvidas. Aquele que o alcançara na poeira escaldante do meio-dia era o Deus-forte de Estevão, de cujo martírio participara dias antes (Atos 7:54-60). Foi amor à primeira vista; vista da fé. O amor fraternal (I Cor. 13), o amor de Deus (Rom. 8:34-39), Jesus e Sua graça salvadora (I Cor. 2:2) foram os temas favoritos de Paulo. Daí as razões de um ministério tão fecundo.

“Seu coração estava cheio de um profundo e permanente senso de sua responsabilidade; e ele trabalhava em íntima comunhão com Aquele que é a fonte de justiça, misericórdia e verdade. Paulo apegava-se à cruz de Cristo como sua garantia única de sucesso.” – *Atos dos Apóstolos*, pág. 507.

Que belo espelho de um ministro do século 21!

## Os escolhidos

Os métodos e desígnios de Deus são inescrutáveis, quando pretende esco-

lher ou chamar determinadas pessoas para missões especiais, sempre com vistas a salvar e proteger o Seu amado povo na Terra.

“Deus toma os homens tais como são, com os elementos humanos de seu caráter, e os prepara para Seu serviço, caso queiram ser disciplinados e dEle aprender. Não são escolhidos por serem perfeitos, mas apesar de suas imperfeições, para que, pelo conhecimento e observância da verdade, mediante a graça de Cristo, se possam transformar à Sua imagem... Cristo não escolheu, para Seus representantes entre os homens, anjos que nunca pecaram, mas seres humanos, homens semelhantes em paixão àqueles a quem buscavam salvar.” – *O Desejado de Todas as Nações*, págs. 294-296.

Foi assim que Ele escolheu o piedoso Noé (Gên. 6-8), cuja missão foi advertir a rebelde sociedade de então do iminente fim do mundo antediluviano.

“Necessita-se de  
 homens em cujo  
 coração Cristo está  
 formado  
 ‘a esperança da  
 glória’, e que  
 preguem a palavra.”

Escolheu Moisés (Êxo. 3), conhecedor da política e das ciências do Egito, para libertar Seus fiéis da escravidão. Escolheu José (Gên. 41), fazendo-o primeiro-ministro no Egito, e Daniel (Dan. 1), primeiro-ministro em Babilônia, com o objetivo de exaltarem o Seu poder naquelas nações. Escolheu Ester, judia exilada, para ser rainha no Império Persa (séc. 4 a.C.), e livrar os judeus do holocausto ou extermínio.

Escolheu o pescador João, para escrever o último livro da Bíblia: “Foi lá (ilha de Patmos), solitário, por volta dos anos 95 e 96 de nossa era, que tudo aconteceu. João foi tomado em visão e levado às cortes celestiais. De lá, pôde

ver o desenrolar da História. ‘As coisas que são, e as que hão de acontecer.’ Deus deu a João a mensagem do Apocalipse porque Seu povo precisava entender o que estava se passando.” – *O Terceiro Milênio*, pág. 17.

Deus escolheu Martinho Lutero (1483-1546), destemido monge católico, para empreender a mais arriscada missão da sua época, a Reforma Protestante. Com zelo, intrepidez e cultura, Lutero, que foi convertido ao cristianismo pelos escritos de Paulo, era semelhante a seu pai na fé. Num dia de 1510, quando subia ajoelhado os 28 degraus da “Escada de Pilatos” em Roma, pretendendo lograr uma indulgência plenária do papa Júlio II (1503-1513), ouviu da parte de Deus uma voz que dizia: “o justo viverá pela fé” (Rom. 1:17). “Zeloso, ardente e dedicado, não conhecendo outro temor senão o de Deus e não reconhecendo outro fundamento para a fé religiosa além das Escrituras Sagradas, Lutero foi o homem para o seu tempo; por meio dele Deus efetuou uma grande obra para a reforma da igreja e esclarecimento do mundo.” – *O Grande Conflito*, pág. 120.

J. Merle D’Aubigné (1794-1872), o melhor historiador da Reforma, disse: “O cristianismo e a Reforma no século 16 são as duas maiores revoluções da História.”

A partir de 1840, Deus escolheu Guilherme Miller, Hiran Edson, Ellen White, Tiago White, José Bates, Samuel Snow, João Loughborough, Urias Smith, João Andrews e outros, para estabelecer o movimento adventista.

Sente-se você também, caro leitor, um ministro escolhido por Deus? “O que a igreja necessita nestes dias de perigo é de um exército de obreiros que, como Paulo, se tenham educado para utilidade, que tenham uma profunda experiência nas coisas de Deus, e que sejam cheios de fervor e zelo. Necessita-se de homens santificados e abnegados; homens que não se esquivem a provas e responsabilidades; homens que sejam bravos e verdadeiros; homens em cujo coração Cristo está formado ‘a esperança da glória’, e que com lábios tocados com santo fogo ‘preguem a Palavra’.” – *Atos dos Apóstolos*, pág. 507. ✓

# O ancião através dos tempos



Divulgação

## KLEBER PEREIRA REIS

*Presidente da Associação Mineira do Sul, no Brasil*

Ancianidade tem tido grande importância na formação e origem das sociedades antigas. Durante a primeira etapa do desenvolvimento dos israelitas, tinham eles vida nômade, habitando em tendas (Gên. 12:8), e caminhavam com seus rebanhos. Estavam organizados segundo o sistema tribal, em que eram guiados por um chefe a quem respeitavam e obedeciam. No caso de Abraão, Isaque e Jacó, esses chefes eram chamados patriarcas. Com o crescimento das famílias israelitas, foram surgindo novos líderes patriarcas, chefes de família (Gên. 45:18; Lev. 20:5; Jos. 22:14).

Durante o cativeiro egípcio tal sistema patriarcal não deixou de existir. Aos poucos, esses chefes de família foram se tornando anciãos. Quando Moisés foi ao Egito para libertar o povo de Israel, ele reuniu os anciãos (Êxo. 3:16). No deserto, por vontade divina, Moisés elegeu setenta anciãos para ajudarem ad-

ministrarem e julgar o povo (Êxo. 18:21-26). Posteriormente, Deus derramou Seu Espírito Santo sobre eles, confirmando-os no trabalho (Núm. 11:24 e 25).

Após o período no deserto, parece que cada cidade tinha o seu próprio corpo governamental de anciãos (Deut. 22:15-18; Juí. 8:14). A nação também passou a ter seu corpo de anciãos (I Sam. 8:4). Nos dias de Jesus, os anciãos ainda tinham forte influência (Mat. 27:1).

Eram prerrogativas dos anciãos, nos tempos do Antigo Testamento, julgar o povo (Êxo. 18:21 e 22), representar a comunidade (Êxo. 19:7 e 8), administrar o povo (Núm. 11:16, 17, 24 e 25), proteger a Lei e o testemunho (Deut. 31:9), preservar a tradição (Deut. 11:5 e 6), guiar o povo (Isa. 9:15 e 16).

### No Novo Testamento

No Novo Testamento, o ancião é designado com o termo grego *presbiteroi* (presbítero). Tem a ver com pessoas dignas que governam as cidades, julgam e dão conselhos. Quando a expressão aparece no Novo Testamento, já está relacionada com liderança eclesíastica (Atos 11:29 e 30).

Em Mileto, o apóstolo referiu-se aos anciãos como bispos constituídos por Deus (Atos 20:17 e 18). A palavra bispo é traduzida do termo grego *episkopos*, que significa vigilante e inspetor. Como tais, deveriam atuar como pastores (I Ped. 5:1 e 2), administradores (I Tim. 3:4 e 5), mestres (I Tim. 3:2; II Tim. 2:2), pregadores (I Tim. 5:17),

guardiães da doutrina (Tito 1:9) e evangelistas (II Tim. 4:5).

### Qualificações

Dos escritos do Antigo e Novo Testamentos, podemos enumerar as principais características dos anciãos. Eles devem ser homens capazes, tementes a Deus, que falem a verdade, não avarentos (Êxo. 18:21). Igualmente devem ser irrepreensíveis, maridos de uma só mulher, sóbrios, honestos, hospitaleiros, aptos a ensinar, temperantes, mansos, generosos, equilibrados, pacíficos e pacificadores, experientes. Também devem ter bom testemunho dos de fora e ser bons chefes de família, caso sejam casados (I Tim. 3:1-7; Tito 1:6-9).

Como líderes da Igreja, devem ser tratados com honra (Lev. 19:32) e respeito (Isa. 9:15; I Tim. 5:17). Não devem ser aceitas acusações frívolas contra seu caráter ou procedimento, a menos que possam ser confirmadas pelo menos por duas ou três testemunhas (I Tim. 5:19). Os que pecarem publicamente devem ser repreendidos publicamente para exemplo dos demais, entretanto sem parcialidades negativas ou positivas (I Tim. 5:20 e 21).

Hoje, o ancião deve ser alguém com todas as características descritas nos textos bíblicos referidos até aqui. Escolhido por uma igreja organizada deve desempenhar essa função com amor e santidade, reconhecendo a responsabilidade sagrada que lhe foi conferida através da imposição das mãos. ✓

# Notícias

## União Central realiza concílio



Pastor Tércio Sarli: "Um novo pastor para um novo milênio."

Em termos bíblicos e proféticos, o final do milênio nada tem de especial. Mas indubitavelmente é uma ocasião oportuna para reflexão e agradecimento pela bondade de Deus e Seus atos em favor do Seu povo. Com palavras que expressavam esse pensamento, o Pastor Tércio Sarli, presidente da União Central-Brasileira justificou a realização do Concílio do Casal Pastoral, nos dias 13 a 16 de novembro. O evento, coordenado pelo Pastor Mário Valente, secretário ministerial, e Professora Vanira Sarli, coordenadora da Afam, reuniu mais de 500 pastores e respectivas esposas em Águas de Lindóia, SP.

No sermão de abertura, o Pastor Tércio destacou a importância de uma renovação espiritual de cada ministro, incentivando a busca de mais in-

tima comunhão com Deus, como fator indispensável para que o pastor tenha êxito em seu trabalho. "A Igreja e o mundo precisam de um novo pastor para um novo milênio", enfatizou.

### Programação abrangente

Ao enumerar os objetivos do encontro, o Pastor Mário Valente destacou o fortalecimento da vida familiar do pastor, motivação para a realização de um trabalho mais eficiente, ajuda ao pastor no sentido de prepará-lo para enfrentar os desafios de um novo tempo e unificação de procedimentos ministeriais.

Com esses objetivos em mente, os organizadores do concílio elaboraram uma programação, cujo desenvolvimento abrangeu várias áreas de ação: psicologia, medicina, vida familiar, de-



Mais de mil pessoas no concílio da UCB

voção e atividades pastorais. Como palestrantes estiveram presentes os Pastores Joel Sarli e James Cress, da Associação Geral, a Sra. Sharom Cress, coordenadora mundial da Afam, as psicólogas Reivle Melo e Tércia Barbalho, Drs. Otoniel Meira, Valéria Meira e Lílina Dutra, Dra. Kay Kuzma e Sra. May Chung, educadoras norte-americanas, Pastor José Viana, Drs. Antônio e Olga Estrada, do IAE, Pastor Alejandro Bullón e Sra. Wanda Assunção, educadora presbiteriana.

Diariamente, após a mensagem devocional, o grupo era dividido em diversas turmas às quais eram ministradas as diversas aulas.

O Pastor Cress afirmou ser o concílio da UCB "um modelo que deve ser apresentado ao mundo". Com a experiência de quem já foi secretário ministerial, o Pastor Jorge Anacleto de Souza, distrital em Hortolândia, SP, garantiu não ter visto nada igual "nos últimos 20 anos".

As esposas vibraram. Algumas delas jamais tinham participado de um encontro semelhante, como a Professora Erleide Chagas, esposa de pastor em Brasília, DF: "Faz 14 anos que estou integrada ao minis-



Psicóloga Tércia Barbalho: Saúde emocional para o casal pastoral

tério e nunca participei de um concílio assim. Foi maravilhoso”, garantiu, sugerindo um espaço de “pelo menos três anos” para um novo encontro dessa natureza. O prazo estabelecido pela União é de cinco anos.

## Destaques

Os devocionais chamaram a atenção pela saudável ênfase na busca da excelência espiritual em todas as áreas do trabalho do pastor. “Na ausência de espiritualidade, a pregação se transforma em mero discurso”, disse o Pastor Joel Sarli.

As aulas de psicologia revelaram que inteligência emocional não é um assunto apenas secular. Pastores e esposas devem cuidar de suas emoções, a fim de que desenvolvam um relacionamento positivo, tanto em família como na igreja.

Numa época de liberalismo exacerbado, atenção especial deve ser dada ao assunto da ética sexual. Os perigos sutis e atraentes do sexo têm destruí-

do muitos pastores, alertou o Pastor Viana.

As aulas do Pastor Bullón caracterizaram-se pelo incentivo ao relacionamento íntimo com Deus, como arma para que o pastor enfrente o secularismo, a indiferença e a mentalidade contestadora da época atual.

Igualmente oportunas foram as orientações médicas. Elas representa-

ram um convite ao retorno aos princípios de saúde conforme ensinados pela Igreja Adventista.

No encerramento, o Pastor José Viana ressaltou a cruz de Cristo como símbolo de entrega, altruísmo, serviço, humildade e transformação; características, entre outras, que devem identificar o pastor em sua vida e seu trabalho. ✓

# Criado um novo Campo em Minas Gerais

Além das Associações Mineira Central e Mineira do Sul, o Estado de Minas Gerais conta com mais um Campo. Trata-se da Associação Mineira Leste, instituída oficialmente em assembléia realizada no dia 22 de outubro, na cidade de Teófilo Otoni.

Coordenada pelos administradores da União Este-Brasileira, a assembléia reuniu 150 delegados que, além do estabelecimento de projetos e metas de evangelismo para os próximos quatro anos, também apontaram os seguintes líderes para compor a diretoria da Associação: Eurípedes Vieira Carvalho, presidente e secretário ministerial; Jarci Reis, secretário-ecô-

nomo; Djalma Alves, diretor de Ministério Pessoal, Escola Sabatina e Evangelismo; Areli Barbosa, diretor do Departamento de Jovens Adventistas e Ministério da Saúde; Jadsom Almeida Rocha, diretor de Publicações, Mordomia Cristã e Comunicação; Márcia Dias, diretora de Educação, Ministério da Mulher e coordenadora da Área Feminina da Associação Ministerial.

A Associação Mineira Leste está sediada em Governador Valadares, possui 13.044 membros, 16 distritos pastorais, uma das maiores escolas de ensino médio da União Este, na cidade de Ipatinga, e uma emissora de rádio. ✓



O Pastor Cress no concílio da UCB

## HUMOR



# O chamado para o ministério



Divulgação

A certeza do chamado de Deus para o ministério pastoral é muito importante para o pastor. Não é apenas a confirmação do seu chamado para uma missão específica, mas também a garantia da bênção de Deus para o seu trabalho. O contrário disso é fazer algo para o qual Deus não o chamou.

Embora a idéia do chamado de Deus não seja tão popular hoje, acreditar que Deus ainda convida pessoas para ministérios específicos, particularmente o da pregação e do ensino de Sua Palavra, é algo não apenas bíblico, mas também lógico.

A confirmação do chamado pode variar em estilo e grau de pessoa para pessoa. Mas todos devem ter a convicção do chamado de Deus. Tal chamado não deve ser fruto de um simples desejo de pais ou avós que sonham em ver um filho ou neto pastor. Conheci um colega que, depois de vários anos estudando no Seminário, resolveu abandonar os estudos, reconhecendo que estava cursando teologia somente para agradar os pais que lhe diziam, desde a sua infância: "Você vai ser um pastor."

O chamado para o pastorado também não deve nascer de uma iniciativa isolada, motivada por uma vontade pessoal, em que alguém resolve ser um

pastor simplesmente porque quer ou porque os amigos tomaram tal decisão.

Será que diferentes motivações não estariam hoje influenciando jovens a cursarem teologia, que não o chamado de Deus? Seria difícil encontrar alguém hoje que seja um pastor simplesmente porque a Igreja oferece um bom salário, estabilidade de emprego e outros benefícios? Certo jovem decidiu cursar teologia, porque em sua igreja alguém havia elogiado sua atuação (pregava, cantava, etc.). "Foi um grande erro", ele disse posteriormente. Não há como alguém sobreviver e ter satisfação no ministério pastoral quando conclui que o chamado foi fruto de sua própria escolha.

Quais seriam as características que envolvem um chamado da parte de Deus para o ministério pastoral? Crê-se que pelo menos três coisas caracterizam essa experiência.

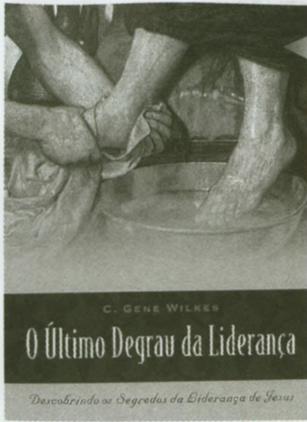
**Convicção.** Em primeiro lugar, há uma convicção pessoal produzida pelo Espírito Santo. Tal convicção pode estar relacionada com a infância, quando a idéia de ser um pastor foi despertada pelo respeito e admiração nutridos por essa atividade. Pode ser também o resultado de uma educação cristã recebida ou por uma marcante experiência pessoal. Com certeza, nem todos têm a mesma experiência, mas certamente todos precisam dessa convicção pessoal.

**Confirmação da Palavra de Deus.** Em seguida, vem a confirmação da Palavra de Deus. Dentro desse princípio, aplica-se o que a Bíblia diz

em I Timóteo 3:1-10, onde uma lista de qualificações indispensáveis para líderes é apresentada. Por exemplo: comprovada vocação, credibilidade espiritual, maturidade emocional, ministério frutífero, amor pelas almas, equilíbrio financeiro, família bem ordenada, liderança comprovada e exemplo de vida. Erros são cometidos quando tais qualidades bíblicas são olvidadas na avaliação de alguém para o ministério pastoral.

**Confirmação da Igreja.** Por último, está a confirmação pelo corpo simbólico de Cristo que é a Igreja. Isso nada mais é do que o reconhecimento e a comprovação de que um indivíduo está aprovado para a tarefa do ministério, por parte da Igreja. Tal comprovação está fundamentada em sua experiência passada. É nesse período que surge a indicação para a ordenação através da imposição das mãos.

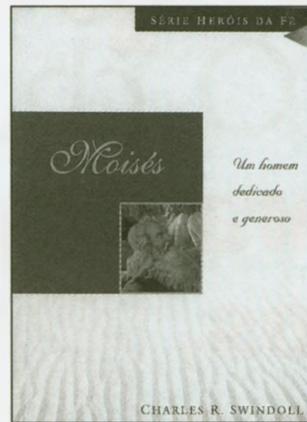
Trabalhar para Deus como um pastor é um privilégio. Trata-se de uma sagrada missão, onde as oportunidades e alegrias proporcionadas vão além das nossas expectativas. Nenhum outro trabalho abrange todos os níveis da existência humana, absorvendo com tanta intensidade os sofrimentos e as alegrias da vida. Nenhum outro serviço dá a oportunidade de compartilhar tão plenamente os tropeços e os sucessos das pessoas. Por isso, ser pastor é refletir amor, sacrifício e abnegação, motivando pessoas e preparando corações para a eternidade. Não existe nada melhor do que ter a convicção de que Deus o chamou para essa obra. – Jonas Arrais ✓



**O ÚLTIMO DEGRAU DA LIDERANÇA CRISTÃ** – C.

Genes Wilkes, Editora Mundo Cristão, Caixa Postal 21.257, CEP 04698-970 São Paulo, SP; 271 páginas. Tel. 0800-115074.

Neste livro, o autor não apenas contesta a posição daqueles que vêem uma contradição entre liderança e serviço como afirma que eles são conciliáveis e que sua união – que ele denomina *liderança servil* – representa a base de atuação do verdadeiro líder. Wilkes constrói sua tese fundamentando-se em sete princípios de liderança, desenvolvidos por ele após profundo e cuidadoso estudo da metodologia e do desempenho daquele que hoje é considerado o maior líder de todos os tempos: Jesus.



**MOISÉS: UM HOMEM DEDICADO E GENEROSO** – Charles R. Swindoll,

Editora Mundo Cristão, Caixa Postal 21.257, CEP 04698-970 São Paulo, SP; 420 páginas. Tel. 0800-115074.

Apesar das limitações e dos temores e dúvidas que Moisés tinha quanto à sua habilidade e capacitação para a tarefa que Deus lhe designara, ele cedeu à vontade divina e tornou-se uma das personalidades mais destacadas na história do povo judeu. Este livro faz um estudo realista dessa figura notável, demonstrando que a fonte de sua força e seu sucesso estava totalmente nas mãos do Deus todo-poderoso.

*Moisés: Um Homem Dedicado e Generoso* é o quarto volume da série “Heróis da Fé”, que já conta com outros três livros que abordam respectivamente a experiência de Davi, Ester e José.



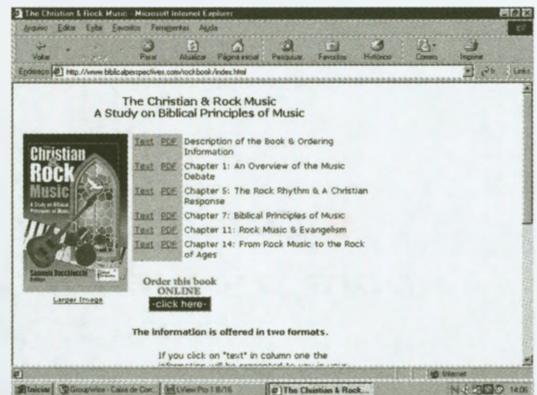
**PSICOLOGIA DO RELACIONAMENTO FAMILIAR** – Augusto César Maia

Santos, Centro de Divulgação de Saúde Editora Ltda., Cedi-sau, Caixa Postal 147, CEP 13160-970 Artur Nogueira,

SP; 160 páginas.

A leitura deste livro é recomendável a todas as pessoas que estão interessadas em promover seu próprio crescimento, com o objetivo de desenvolver um bom relacionamento familiar. Também é indispensável a pastores e educadores, em seu trabalho de aconselhamento a indivíduos e famílias.

Em *Psicologia do Relacionamento Familiar*, o psicólogo Augusto César Maia Santos aborda os mais diversos aspectos da psicologia do relacionamento familiar, focalizando entre eles o desenvolvimento emocional e a maturidade. Enfatiza o amor e sua vital importância no estabelecimento das primeiras relações.



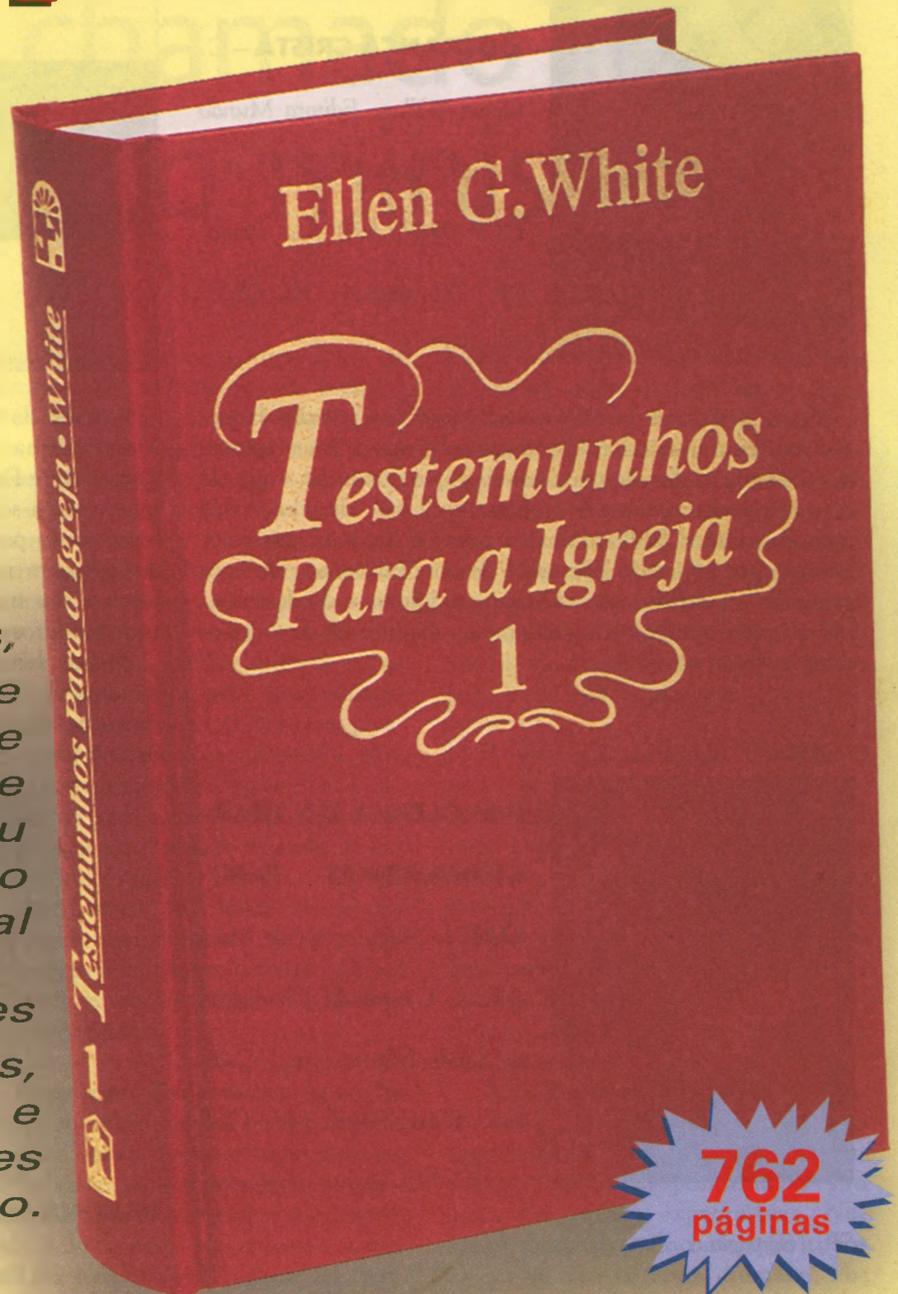
**VEJA NA INTERNET** – [www.biblicalperspectives.com](http://www.biblicalperspectives.com)

O site do Dr. Samuel Bacchiocchi, recentemente aposentado como professor da Universidade Andrews, contém material muito interessante sobre os mais variados temas. Esses textos estão principalmente em duas áreas do site: *Access to select chapters from each book*, onde é oferecido o texto integral de alguns capítulos de cada um dos 15 livros de Bacchiocchi; e *Endtime issues newsletter*, onde Bacchiocchi publica periodicamente estudos sobre os assuntos mais variados e palpantes para os adventistas. E o mais interessante é que todos os números (cerca de 60) estão ali disponíveis em formato PDF. – Márcio Dias Guarda, editor de *Mídia Digital da Casa*.

# Indispensável

**para  
anciãos,  
pastores e  
líderes**

- *Conselhos, instruções e mensagens de Ellen G. White para seu crescimento espiritual*
- *Orientações para problemas, perigos e oportunidades de nosso tempo.*



**Ao todo serão 9 volumes. O volume 1 já está disponível. Peça agora o seu!**

Ligue grátis

**0800-990606**

para fazer seu pedido

**CASA  
PUBLICADORA  
BRASILEIRA**



Caixa Postal 34 - Tatuí, SP - CEP 18270-970 - Tel.: (15) 250-8800

Fax: (15) 250-8900 - <http://www.cpb.com.br>